

VERSÃO CORRIGIDA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO
PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOBIOLOGIA

Rayssa Helena de Souza Lemos

**Estudo exploratório acerca da relação entre família e
escola na educação infantil**

RIBEIRÃO PRETO - SP

2022

Rayssa Helena de Souza Lemos

**Estudo exploratório acerca da relação entre família e
escola na Educação Infantil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicobiologia.

Orientadora Profa. Dra. Fabiana Maris Versuti

RIBEIRÃO PRETO – SP

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Lemos, Rayssa Helena de Souza Estudo
exploratório acerca da relação entre família e escola na
educação infantil / Rayssa Helena de Souza Lemos;
orientadora Fabiana Maris Versuti São Paulo, 2022.
101 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto

1. Educação infantil. 2. Relação família e escola
I. Versuti, Fabiana Maris, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todas as mães que participaram da pesquisa e àquelas que se dedicam e buscam qualidade na educação de suas crianças.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui nunca teria sido possível sem vocês, minha rede de apoio:

À minha família. Minha mãe, Carmen, por todo incentivo e apoio, mesmo com a distância física. Por perceber todas as vezes meu desespero e saudade de casa e mesmo assim me incentivar. Ao meu pai, Carlos, que sempre foi exemplo na carreira acadêmica, por sempre em nossas conversas me incentivar ao estudo. À minha Big Sis, Gabriela, por sempre acreditar na minha capacidade e todo suporte na reta final. À minha Little Sis, Juliana, por todas as conversas e consolo ao longo desse período. À minha sobrinha, Cecília, e ao meu sobrinho, Lucas, que me permitiram ter momentos de alegria e distrações necessárias para ter forças para continuar.

À minha orientadora, Fabiana Versuti, pela oportunidade de ser sua orientanda e acreditar no meu potencial, além de todo carinho ao longo do mestrado.

Ao professor Daniel Santos, por ter me apresentado a minha orientadora, Fabiana, e me incentivado a fazer o mestrado e pela oportunidade de estágio junto ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social - LEPES.

Aos meus colegas do ConectaLab.

As amigadas que fiz em Ribeirão Preto, Bruna, Fernando C., Camila M., Priscila, Monize, Camila N., Jean, Camila, Ana Clara, Adrielly, Cecília, Paulo, Fernando A., por me acolherem em todos os momentos e sempre se preocuparem comigo.

Aos meus colegas do LEPES.

Aos meus amigos e amigas, Beatriz, Maíne, Cecília, Karoline, Wendy, Nataly, Juliana, Érika, Ingrid, Rosaly, Alana e Neto, por, mesmo com a distância, sempre estarem presentes.

RESUMO

Lemos, R. H. S. (2022). Estudo exploratório acerca da relação entre família e escola na educação infantil. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo].

O desenvolvimento das crianças na primeira infância vem sendo foco de discussões e a consolidação da “Base Nacional Comum Curricular” (BNCC) que define os processos de aprendizagens essenciais e intensifica o debate acerca das necessidades de avaliar a qualidade da educação infantil, de modo a garantir o desenvolvimento integral das crianças. Neste cenário, a família e a escola são os principais responsáveis pelo desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, o que significa dizer que ambos precisam entender o seu papel e contribuir da melhor maneira possível no processo. A presente dissertação tem por objetivo principal realizar um estudo exploratório acerca da relação entre família e escola na educação infantil. Como objetivos específicos, buscou-se descrever o que as mães consideram como importante fator para matricular suas crianças na educação infantil, investigar as percepções de mães sobre o ingresso de seus(suas) filhos(as) na educação infantil, relacionar as percepções de mães aos fundamentos da educação infantil e analisar como é a relação das mães com os profissionais da educação. Foram entrevistadas 5 mães. Os resultados foram discutidos a partir de três categorias: aprendizado enquanto responsabilidade da escola; a importância da interação no desenvolvimento infantil e na relação família e escola; função e modelos de reuniões escolares. Através dos resultados é possível identificar que as mães consideram a aprendizagem de suas crianças como motivação principal para ingresso na escola. Consideram que a interação social é importante para o desenvolvimento das crianças, mas a colocam principalmente na relação entre os pares. Dessa forma, rever as propostas de reuniões pode ser uma ação aliada a aproximação da família e da escola, incluindo diálogos sobre aprendizagem, interação e estímulos no contexto escolar e familiar.

Palavras-chave: mães; escola; educação infantil.

ABSTRACT

Lemos, R. H. S. (2022). Exploratory study on the relationship between family and school in early childhood education. [Master's dissertation, School of Philosophy, Science and Modern Languages of Ribeirão Preto, São Paulo's University]

The development of children in early childhood has been the focus of discussions and the consolidation of the "National Common Curricular Base" (NCCB) which defines essential learning processes and reinforces the debate about the necessity of quality assessment in early childhood education, in order to guarantee the integral development of children. In that regard, family and school are the primary factors responsible for the full development of children in early childhood, which means that both must understand their roles and contribute in the best possible way to the educating process. This dissertation's main goal is to accomplish an exploratory study on the relationship between family and school in early childhood education. As specific objectives, we sought to describe what mothers consider important in order to enroll their children in early childhood education, investigate the perception of mothers regarding the beginning of their children's early education, to connect the perception of mother's to the foundation of early childhood education and analyze the relationship between mothers and educational agents. Five mothers were interviewed. The result discussion was divided in three categories: learning as a school responsibility; the importance of interaction in child development and in the family-school relationship; function and types of school meetings. Per the results it is possible to identify that mothers consider that the learning process is a fundamental motivation to enrolling their children in school. They consider social interaction as important factor to child development, but they view it as the relationship between peers. As such, reviewing the school meeting proposals might be a viable action to assist in bridging gaps between family and school, including topics on learning, interaction and stimuli in the school and family context.

Key words: mothers; school; childhood education

LISTA DE SIGLA

Base Nacional Comum Curricular – BNCC

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI

Educação Infantil – EI

Instituto Alfa e Beto – IAB

Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social – LEPES

Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais – LaPOpE

Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB

Primeira Infância – PI

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

SUMÁRIO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	11
1.1 A história da Instituição familiar e sua influência no desenvolvimento infantil	14
1.2 Influência no desenvolvimento infantil: da primeira infância a relação família e escola	17
1.3 A evolução da Educação Infantil no Brasil	18
1.4 Teoria Social de Bronfenbrenner	26
3 OBJETIVOS	28
4 MÉTODO	29
4.1 Participantes	30
4.2 Aspectos Éticos	30
4.3 Local	30
4.4 Materiais e Equipamentos	31
4.5 Instrumento	31
4.6 Procedimentos	31
4.7 Análise dos dados	32
5 RESULTADOS	33
6 DISCUSSÃO	40
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista	57
APÊNDICE B - Entrevista com Wanda	59
APÊNDICE C - Entrevista com Carol	64
APÊNDICE D - Entrevista com Emma	70
APÊNDICE E - Entrevista com Sersi	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICE F - Entrevista com Jane	Erro! Indicador não definido.
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	98
ANEXO B – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA	Erro! Indicador não definido.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A Educação Infantil vem sendo foco de grandes discussões por existirem pesquisas que atestam sua importância na composição da personalidade, no autoconhecimento e na aquisição dos valores que irão amparar as decisões e capacidades de aprender e agir ao longo da vida (Rede Nacional Primeira Infância, 2020). E por corresponder a educação na faixa de desenvolvimento chamada de Primeira Infância.

Sendo a primeira etapa da educação, a Educação Infantil engloba as turmas de creche e pré-escola, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996; 2013), indicando ainda que a creche é ofertada para crianças de até 3 anos de idade e a pré-escola para crianças de 4 a 5 anos de idade, além de afirmar que o desenvolvimento correspondente aos aspectos físico, psicológico, intelectual e social são da responsabilidade da Educação Infantil que complementa as ações da família e da comunidade.

O Marco Legal da Primeira Infância - Lei nº 13.257 de 8 de março de 2016 considera que os 6 primeiros anos de vida correspondem à Primeira Infância. A lei foi criada para estabelecer princípios e diretrizes para a formulação e a implementação de políticas públicas voltadas para a Primeira Infância por seu valor no processo de desenvolvimento integral do ser humano.

Penn (2002) esclarece que a Primeira Infância é conceituada como momento privilegiado no desenvolvimento, pelo argumento de que o cérebro se desenvolve mais intensamente nos primeiros anos de vida, o que torna as crianças pequenas mais suscetíveis às influências externas, como a aprendizagem. Ademais, é na Primeira Infância que se desenvolvem as bases fundamentais do desenvolvimento humano, nos aspectos sociais, emocionais e psicológicos. Dessa forma, a sociedade recebe retorno dos investimentos no desenvolvimento das crianças em seus primeiros anos de vida (FUJIMOTO, 2016).

Dessa forma, as escolas de Educação Infantil, têm o dever de contribuir para a formação integral das crianças nos aspectos cognitivos, no desenvolvimento e no processo de ensino-aprendizagem. Na Educação Infantil as crianças devem ser estimuladas mediante jogos e atividades lúdicas com a intenção de exercitar suas capacidades cognitivas e motoras, fazer descobertas e iniciar o processo de alfabetização (PICCOLI; SILVA; TEIXEIRA, 2019).

Neste contexto, vale destacar, o papel dos adultos, pais, responsáveis, e os professores, que exercem importante influência durante os primeiros anos de vida de uma criança (PENN, 2002). Com qualidades essenciais, a instituição familiar é o espaço natural de referência pessoal e constituição de identidade (CERVENY; BERTHOUD, 2009).

Uma vez que a família e as escolas possuem como responsabilidade em comum a formação integral das crianças, sendo a primeira, responsável pela construção de conhecimentos ligados ao senso comum e à escola, os conceitos científicos (OLIVEIRA; SUZUKI; PAVINATO; SANTOS, 2020), a relação resultante dessas instituições é importante para o desenvolvimento integral da criança.

Além da importância para o desenvolvimento integral das crianças, o interesse pelo tema iniciou após minha participação em coleta de dados com Educação Infantil no ano de 2015, com o Instituto Alfa e Beto - IAB, logo após minha colação de grau em psicologia, na cidade de Boa Vista/Roraima. Durante a coleta dos dados, tive a oportunidade de dialogar e aplicar entrevistas com as famílias de crianças matriculadas na creche e com as(os) professoras(es). E participar de reuniões escolares de um programa de leitura.

Em 2017 coordenei um campo de pesquisa em Boa Vista pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social - LEPES da Universidade de São Paulo, campus Ribeirão Preto, e novamente tive contato com outros familiares através de aplicação de questionários. Em 2018 fui convidada a coordenar um campo de pesquisa pelo LEPES e Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais - LaPOpE na cidade de Sobral.

Meu contato com os familiares e professoras(es) das crianças viabilizou escuta sobre as questões de responsabilidade da educação. As famílias indicavam ser responsabilidade apenas da escola e as professoras relataram que as famílias não participavam, se sentiam sobrecarregadas. A ausência dos responsáveis sempre foi alta, em reuniões e nas próprias entrevistas, mesmo após assinatura do TCLE nas pesquisas.

Lembro-me de alguns responsáveis indicarem não compreenderem como poderiam ajudar com a escola ou que realizar as atividades enviadas pela escola já era suficiente. A partir de então, surgiu a vontade de contribuir de alguma maneira nessa relação da família com a escola. Para isso, parece-me necessário realizar um

estudo exploratório acerca da relação entre família e escola na Educação Infantil, sendo este o objetivo geral desta pesquisa.

Com esse intuito, foram estabelecidos como objetivos específicos: i) Descrever o que as mães consideram como importante fator para matricular suas crianças na Educação Infantil; ii) Investigar as percepções de mães sobre o ingresso dos seus(suas) filhos(as) na Educação Infantil; iii) Analisar como é a relação das mães com os profissionais da educação na escola. Para chegar aos resultados, optou-se pela pesquisa qualitativa com aplicação de entrevistas semiestruturadas com 5 (cinco) mães que possuíam filhos(as) matriculados em turmas de creche na Educação Infantil da cidade de Barretos/SP. Para análise dos dados, foi usada análise de conteúdo com constituição de categorias, de acordo com Bardin (2016).

Nesta apresentação, buscou-se contextualizar o tema da pesquisa, com destaque para a importância da realização de um estudo exploratório acerca da relação entre família e escola na Educação Infantil, os motivos que levaram a esta investigação, os objetivos e os passos metodológicos.

1.1 A HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO FAMILIAR E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Inicialmente é necessário conceituar o que é instituição familiar e sua transformação ao longo do tempo para em seguida expor sobre sua influência no processo de desenvolvimento infantil.

A instituição é uma palavra originária do latim que significa sistema, disposição (PRIBERAM, 2022). Refere-se antes de tudo ao efeito de fundar, dar um começo, erigir. É nesse sentido, portanto, que a família na maior parte das culturas modernas e antigas é vista como o começo da sociedade. De Aristóteles, na Grécia Antiga em que a família era vista como uma extensão do poder estatal, a Piaget na psicologia moderna. Não se questiona que o homem como espécie atingiu longevidade e proteção de seus membros menores ao se juntar em pequenos grupos. Hannah Arendt a esse respeito leciona: “Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos;” (ARENDR, H, 2007, p.31)

O homem é um ser social, concordam os filósofos. Arendt explica que “o que chamamos sociedade é o conjunto de famílias economicamente organizadas(...)O que distinguia a esfera família era que nela os homens viviam juntos por serem a isso compelidos por suas necessidades e carências ” (ARENDR, H, 2007, p.38)

Os conceitos trazidos por Arendt (2007) e embasados nas crenças e escritos de Roma e da Grécia antiga em muito se modificaram ao longo dos anos. A instituição familiar não é mais vista como uma mera junção de pessoas com objetivo de suprir carências e garantir sobrevivência, atualmente a instituição familiar sequer é vista mais como um conceito integral e único podendo ser estudada, analisada e observada pela ótica social, antropológica, econômica, legal e psicológica.

Silveira (2000, p.59) explica que a ideia inicial geral que se tem ao pensar em família seria a de:

“(...) um grupo de parentes co-residentes, ou seja, um grupo doméstico, cujo parentesco por advir de consanguinidade, aliança ou adoção. Para esse grupo, a finalidade precípua de sua existência é a manutenção econômica, a identificação individual e coletiva e a criação dos filhos”

Legalmente, a Constituição brasileira tem uma visão similar, senão mais restrita, do que seria a família já que defende a Família como a base da sociedade

brasileira, sendo o dever da entidade familiar, em primeiro lugar a proteção da criança (BRASIL, 1988).

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

(...)

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Logo, do ponto de vista legal, temos que para o Estado Brasileiro a função principal da família é a proteção e cuidado com a prole, estando a ideia de família intimamente ligada à reprodução familiar e ao cuidado, sobrevivência e educação dos filhos e filhas.

De um ponto de vista sociológico a família é (GIDDENS e outros, 2018, p.478):

“um grupo de pessoas vinculadas por laços de sangue, casamento ou adoção nos quais os adultos tomam conta das crianças” (tradução nossa)

Para Cohen (1980), a família tinha um aspecto mais amplo obedecendo a necessidades de socialização, reprodução, produção de bens e serviços econômicos, manutenção da ordem estatal e de suporte religioso. Note-se, porém que mesmo dentro de uma ideia ampla as funções familiares giraram em torno da educação, socialização e controle interno de seus membros, ou seja, essas funções sempre seriam melhores expressadas na criação de filhos e filhas.

Por fim, temos que para antropologia, o conceito essencial é o de parentesco, ou seja, da estrutura formal dentro do grupo social que seria uma família, o parentesco seria o resultado da combinação de três relações básicas (SARTI, 1992, p.71):

a) a relação de descendência, que é a relação entre pai e filho e mãe e filho;

b) a relação de consanguinidade, que é a relação entre irmãos;

c) a relação de afinidade, ou seja, através de um casamento, pela aliança.”

Para a antropologia o conceito de descendência tem como base um entendimento social interno, da figura do pai e da mãe, e legal de forma externa, no sentido de como a conexão de descendência se materializa nessa sociedade.

O notável, porém, é que a análise do conceito sob o aspecto dos mais diversos ramos da ciência humana, conduz ao entendimento de que a ideia de família está intimamente conectada à ideia de crianças, filhos. A generalidade universalmente aceita é que a família é constituída por adultos com a finalidade de proteger crianças, de ensinar as regras da sociedade, de proporcionar proteção (de ordem psicológica, emocional e física), garantir cidadãos que saibam as regras da sociedade onde vivem.

O Estado depende dos núcleos familiares para que os indivíduos aprendam as regras vigentes de participação e os comportamentos aceitos, bem como para garantir uma rede primordial de proteção.

Em suma, a instituição familiar é composta por relações de afeto, familiaridade, legalidade, solidariedade e comprometimento entre os seus membros. E no século XX, a globalização, informatização e a flexibilização do mercado de trabalho interferem na qualidade das relações familiares, reduzindo o tempo de convivência, modificando os papéis no cuidado e na educação das crianças (PLANO NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA, 2020).

A definição dada por Gasparian (2019) sobre família é que mais se encaixa para compreendermos a influência desta instituição familiar no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A família para a autora é uma matriz do ser humano, é a fonte de traumas, segredos, mentiras, crenças, valores, dramas e tramas que influenciam todos os familiares e que resultam em questões geracionais e que todos esses fatores podem influenciar na aprendizagem da criança, positiva ou negativamente.

É na instituição familiar que as crianças vivenciam as primeiras influências nas crenças acerca de suas capacidades. Os responsáveis que asseguram lares acolhedores, que incentivam suas crianças a explorarem e estimulam a curiosidade, que ofertam materiais para brincadeiras e aprendizado contribuem para o desenvolvimento integral de suas crianças. Os membros da família são os modelos das crianças. São as referências nas formas de lidar com as dificuldades e persistências que irão compor a autoeficácia das crianças (SCHUNK; DIBENEDETTO, 2016). A família que irá levar à creche toda a sua estrutura de formação e constituição até o seu funcionamento (se é carinhosa, prestativa, violenta,

alheia, com acesso ou não aos meios culturais, atenciosa ou apática) (ARRUDA; VERÍSSIMO, 2013).

1.2 INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: DA PRIMEIRA INFÂNCIA A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Cientistas comportamentais, educadores, neurocientistas, economistas e biólogos têm direcionado os seus olhares para a importância do desenvolvimento da Primeira Infância. É no processo da PI¹ que os comportamentos, as competências e aprendizagens são iniciados. É nessa fase que ocorrem o maior número de conexões sinápticas devido a abundância de células cerebrais (YOUNG, 2010).

A fase denominada PI ganhou significativa importância em debates e elaboração de políticas públicas após evidências biológicas confirmarem que o desenvolvimento cerebral nesta fase influencia a saúde, a aprendizagem e o comportamento durante todo o ciclo (MUSTARD, 2010) e que ao se investir nas crianças o retorno econômico é maior (YOUNG, 2010).

A dinâmica da sala de referência influencia diretamente no desenvolvimento e na educação da PI, nela os comportamentos positivos do professor, como dar atenção, encorajamento, envolvimento, disponibilidade para responder e sensibilidade, os comportamentos positivos das crianças de interação com os materiais, alegria e cooperação, a interação professora-criança de forma eficiente através de interações verbais e reatividade do professor e a estabilidade e continuidade (LOVE; SCHOCHET; MECKSTROTH, 2010).

Não há como falar de desenvolvimento infantil sem discorrer sobre socialização. O espaço formal da sala de referência no contexto escolar, é transposto por objetivos educacionais a serem alcançados e valores culturais de todos os presentes, dessa forma, é importante o olhar atento da professora para potencializar as oportunidades de socialização (PINTO; BRANCO, 2009).

A BNCC (2018)

“A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada” (BNCC, 2018)

¹ A sigla PI será usada em substituição do termo Primeira Infância para facilitar a leitura.

Em estudo realizado por Lúnes et al. (2010) um dos objetivos foi investigar junto aos pais as expectativas e as necessidades que emergem da comunidade familiar com relação à Educação Infantil em escolas particulares e como resultado, os familiares participantes em unanimidade reconhecem o papel da escola na formação dos filhos como fundamental para o desenvolvimento e que a escola é responsável em perpetuar a educação desenvolvida em casa, ensinando regras sociais, responsabilidade, honestidade e respeito ao próximo.

Acerca da diferença entre a educação ofertada pelas duas instituições, cabe à escola desenvolver conhecimento científico mais universal e à família, a transmissão de valores e crenças, tais processos de aprendizagem precisam ser realizados de maneira coordenada e com a participação de ambas as instituições. A escola possui ainda um outro papel. Além de ofertar a educação às crianças, precisa reconhecer a importância da colaboração da família e auxiliá-la a exercer o seu papel (POLONIA; DESSEN, 2005).

Polonia e Dessen (2005) sintetizam a tipologia proposta por Epstein acerca do envolvimento entre os contextos familiar e escolar da seguinte forma:

“Em síntese, os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade. No entanto, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos”.

Diante do exposto, é evidente que as duas instituições mais importantes para o desenvolvimento da criança em seu sentido global, são a família e a escola. E para que ambas tenham sucesso em seu objetivo comum, é necessário que partilhem informações e caminhem juntas.

1.3 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

O ato de ensinar é antigo, possivelmente pré-histórico e antecede a língua e a escrita humana. Em desenhos rupestres ou por mímica, o homem ensinou ao outro como sobreviver, o que comer, como fazer fogo e o conhecimento passou e foi mantido por gerações.

Posteriormente, em todas as culturas conhecidas se identificou alguma forma de passagem de conhecimento entre as pessoas. A palavra escola, aliás, deriva do grego *scholé* que significa “lugar do ócio”, sendo esse o local onde as pessoas iam para refletir em seu tempo livre. Na Grécia havia inúmeras escolas com focos diversos, oratória, filosofia nas quais os filósofos repassavam seus conhecimentos e buscavam enriquecê-los ainda mais por meio da reflexão e discussão desses conhecimentos (PEREIRA, 2020; COIMBRA E SOUSA, 2019; SAVIANI, 2007). Esses tipos de escolas, embora possam indicar um gérmen do ensino moderno, guardam poucas semelhanças com a escola conhecida atualmente.

Na idade média, por seu turno, identificamos que o ato de ensinar e de transmitir conhecimento já é bastante diverso ainda que apresente um caráter enciclopédico. Naquele momento, já havia a palavra escrita e as classes dominantes e essencialmente rurais podiam contratar instrutores das mais diversas áreas de conhecimento para educar os nobres quanto aos fatos e teorias até então conhecidos (SAVIANI, 2007, p.153; COIMBRA E SOUSA, 2019, p.52). Saviani (2007) aponta ainda a existência de “escolas” catedráticas e monacais, também um privilégio das classes mais nobres. Note-se que essas chamadas escolas também não podem ser concebidas na forma como as escolas modernas funcionam hoje, como diferenças essenciais temos o ensino individualizado, sem uniformidade, ainda bastante centralizado no conhecimento possuído pelos tutores.

Claise Pereira (2020), porém, defende o conceito de escola com amplitude que abarcaria tanto o ensino grego, como o ensino na idade média. Segundo a autora (PEREIRA, 2020, p. 151) “escolas são conjuntos de instituições formadas com objetivo voltado para a formação de cidadãos com princípios éticos, tecnológicos, científicos e culturais”. Conforme o conceito da autora, a escola não é apenas a unidade de ensino criada com objetivo de fornecer a educação regular e sim, todas as instituições que oferecem os mais diversos tipos de conhecimento, incluindo-se nesse grupo as escolas de inglês, de desenho, de música e até mesmo a catequese.

Para a autora, as primeiras escolas brasileiras foram criadas pelos jesuítas, com intuito de catequizar os índios e levar o cristianismo para a mais nova colônia de Portugal, o intuito era claro, ensinar sobre Portugal sob o ponto de vista de salvação e trazer o cristo europeu as terras recém-descobertas. Ainda pelo mesmo conceito, em 1552, já havia no Brasil três escolas de instrução elementar (PEREIRA, 2020, p. 151; RIBEIRO, 1993).

No século XVIII brasileiro, ocorre a primeira modificação relevante no sistema até então vigente, sob a gestão do Marquês de Pombal o ensino passa a ser de competência estatal. Com a expansão da burocracia estatal, surge a primeira oportunidade para sistematização do ensino, o qual apesar da intervenção estatal se mantém com metodologia similar à que vinha sendo utilizada pelos jesuítas, mantendo-se dessa forma até o início do período republicano brasileiro (RIBEIRO, 1993; SCHUELLER e MAGALDI, 2009).

A escola brasileira em estrutura similar a encontrada hoje está ligada a ideia de progresso, hábitos civilizados, mas principalmente a ideia de cidades (SAVIANI, 2007). A estruturação em unidades institucionais educacionais, da forma como conhecemos atualmente é, porém, muito mais recente. Embora, já existam unidades educacionais desde o Brasil imperial, a instituição de diretrizes a serem seguidas pelos estados e municípios é muito mais recente.

A Constituição imperial brasileira de 1824 inclusive possuía apenas um único inciso no qual abordava a questão da instrução dos cidadãos (BRASIL, 1824):

Art. 179, XXXII. A Instrucção primaria, e gratuita a todos os Cidadãos.

Logo, embora se pudesse falar da existência de escolas, não se podia falar em uma política educacional institucional ou em unidades educacionais tais como as que existem hoje, já que não havia qualquer controle quanto a métodos, disciplinas ou conteúdos a serem ensinados nas escolas até então existentes.

Motta Filho (1955, p. 19) ao discorrer sobre Unidades Educacionais, afirma que a UNIDADE EDUCACIONAL como conceito:

A Unidade Educacional impõe-se, conseqüentemente, porque tôda escola superior será artificial e todo ensino médio ilusório, se não houver ensino primário.

Assim, o conceito de escola entendida como uma Unidade Educacional está ligada ao conceito de ensino em camadas e em diferentes fases da vida com objetivo de formar no indivíduo um todo coeso que o torne capaz não apenas de aprender conteúdos universitários, mas também de transitar na sociedade com eficiência e utilidade.

Nesse sentido, a Unidade Educacional é a oferta de ensino em todos os graus e momentos da formação do indivíduo, desde a infância até o ensino universitário, o qual atualmente no Brasil é proporcionado pelo Estado de Direito.

Em 1891, com a 1ª Constituição republicana, temos a atribuição ao congresso de criar, a nível governamental, de criar instituições de ensino superior e secundário nos Estados (BRASIL, 1891). Nesse sentido, podemos afirmar que com a primeira república nasce a instituição educacional, a qual evoluiu na década de 1960 para aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), fixando parâmetros nacionais e competências dos estados e municípios.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) o, a qual de forma federal e em caráter nacional, definiu o sistema básico de ensino brasileiro e regularizou seu funcionamento foi aprovado apenas em 1961, tendo sido elaborada em 1948 e levado 13 anos para ser aprovada (CHAVES, 2021).

Na época, dentre os pontos principais da LDB se destacam (CHAVES, 2021, p.1):

“(...) dá mais autonomia aos órgãos estaduais, diminuindo a centralização do poder no MEC; regulariza a existência dos Conselhos Estaduais de Educação e do Conselho Federal de Educação; garante o empenho de 12% do orçamento da União e 20% dos municípios com a educação; o ensino religioso é facultativo e há obrigatoriedade de matrícula nos quatro anos do ensino primário, dentre outras normas.”

Nesse momento da história, já se pensava em fornecer as diretrizes centrais visando uma incipiente padronização mínima no ensino, embora ainda conservando a autonomia dos Estados e dos Municípios.

A primeira LDB previa o Ensino Primário (1ª a 4ª série), o Ensino Médio (5ª a 8ª série) e o Ensino Secundário (1º, 2º e 3º ano). Note-se, porém, que não havia qualquer previsão de necessidade de formação para atuar na educação pré-primária ou sequer uma orientação de como esse tipo de educação deveria ser abordada ou o que deveria ser ensinado dentro desses ambientes (BRASIL, 1961).

A Educação Infantil levou mais tempo para ser implantada. Se por um lado, a educação primária já existia desde o SÉCULO XVI e no Brasil Império esse tipo de ensino já era obrigatório (SCHUELLER; MAGALDI, 2009), apenas no Século XVIII, na Europa, mais precisamente na Alemanha se identifica as primeiras escolas focadas na Educação Infantil, os chamando-os *Kindergarten*, palavra que se traduz para o português como Jardim de infância (MARAFON, 2009).

Marafon (2009, p.3) explica:

“(...)fazendo evidente alusão ao jardineiro que cuida da planta desde pequenina para que ela cresça bem, uma vez que os primeiros anos das crianças são considerados fundamentais para o seu desenvolvimento posterior. Froebel privilegia as atividades lúdicas por perceber o significado funcional do jogo para o desenvolvimento sensório-motor, as habilidades são aperfeiçoadas por meio de métodos lúdicos por ele inventados. O canto e a poesia são utilizados para facilitar a educação moral e religiosa.”

Se as escolas infantis alemãs tinham patente caráter de ensino religioso e com base em princípios cristãos, instituições com caráter mais assistencial para as mães que trabalhavam. Na França o movimento de Educação Infantil tem caráter eminentemente educacional, Marafon (2009):

“(...)com a criação da escola de principiantes ou escola de tricotar em 1769, na França idealizada por Friedrich Oberlin. A instituição estava inserida em uma região rural muito pobre, onde as crianças deveriam perder maus hábitos, aprender obediência, sinceridade, bondade, além de pronunciar bem as palavras e sílabas difíceis”

No Brasil, o marco histórico para Educação Infantil é o ano de 1899 quando é fundado no Rio de Janeiro o Instituto da Proteção e Assistência à Infância e a Creche da Companhia de Fiação e Tecido Corcovado (KUHLMANN JUNIOR, 1991).

O autor (KUHLMANN JUNIOR, 1991) ressalta que ao mesmo tempo em que surgia esse tipo de instituição pública, se desenvolvia também as escolas de EI particulares, essas mais focadas em atender as elites cariocas.

Kuhlman Junior (1991) ressalta ainda que as creches, no Brasil, antecedem o jardim de infância, principalmente assessorando indústrias como suporte as trabalhadoras industriais brasileiras e é patente, pela legislação, inclusive pela LDB, que até os anos 1990, sequer havia intenção do Estado de intervir nesse tipo de ensino. Em 1971, a Segunda LDB, aprovada já na vigência do regime militar previa que crianças até 6 anos deveriam receber educação em escolas maternais ou jardins de infância, sem, contudo, entrar em detalhes (BRASIL, 1971), sendo então a primeira vez que surge em seu formato mais próximo do atual a Educação Infantil.

Na trajetória da escola de Educação Infantil descrita por Barros (2021), o processo de industrialização, impulsionador para integração da mulher no mercado, acarretou uma visão assistencialista às creches, além disso, o autor menciona também a questão da falta de qualificação exigida nesta etapa. Por conta dessa visão de cuidado às crianças muito pequenas, o trabalho desenvolvido se assemelhava aos cuidados maternos, logo, as mulheres eram as mais indicadas para assumirem essa função dentro das instituições.

A Lei de Diretrizes e Bases vigente até hoje se materializa na Lei nº 9.394/1996. Por meio desta se fixa que haverá Educação Infantil gratuita até os 5 anos de idade e que a educação básica obrigatória vai dos 4 aos 17 anos e inclui a pré-escola e que o Estado obrigatoriamente fornecerá vaga para a criança a partir dos 4 anos (BRASIL, 1996). Com o financiamento criado pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Magistério - Fundeb a creche e a pré-escola passaram a estar lado a lado das demais etapas da educação básica (CAMPOS et al., 2011).

No processo de construção da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e após sua publicação, várias discussões surgiram em torno da qualidade da Educação Infantil, gerando publicações nacionais, como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) no ano de 1998. (NETO, CALDAS E MARQUES, 2021). Ainda segundo os autores, a Política Nacional de Educação Infantil é constituída, segundo as bases legais, pela Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Plano Nacional de Educação.

Rodrigues, Boer e Marquezan (2020) indicam que a RCNEI pode ser considerada um avanço na etapa de educação por buscar soluções para a superação da visão assistencialista das creches, mas que não possui peso de lei, sendo utilizada como um guia para as escolas. Os autores explicam que posteriormente houve a homologação da Resolução nº05/2009 definindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI).

Em 2014, foi fundado pela Lei nº 13.005/2014 o Plano Nacional de Educação para o período de 2014-2024, com estabelecimento de 20 metas, sendo algumas que tratam de Educação Infantil: ampliação da oferta de creches e pré-escolas; elaboração de padrões mínimos de qualidade de infraestrutura para o funcionamento adequado das instituições públicas e privadas de Educação Infantil; do estabelecimento de programas de orientação e apoio aos pais com filhos menores de três anos; da implementação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade local; da garantia da alimentação escolar para crianças atendidas em estabelecimentos públicos e conveniados; do fornecimento de materiais pedagógicos adequados às faixas etárias, entre outros (BRASIL, 2014).

Como decorrência das mais diversas leis, planos e debates acerca da educação, em 2017 é aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com o objetivo de unificar o ensino em todo o país, sem com isso retirar a autonomia das

escolas ao considerar as particularidades regionais, sociais e metodológicas na construção do currículo, no entanto, a BNCC estabelece os objetivos de aprendizagem por meio da definição de competências e de habilidades essenciais (BRASIL, 2017; RODRIGUES, BOER E MARQUEZAN, 2020). Importante destacar que a BNCC não é norma.

Isto posto, é possível observar que o papel da escola é definido pelo período histórico e por cada grupo social a que se destina, é reflexo dos movimentos de mudanças políticas, econômicas e sociais, uma vez que é uma instituição inserida na sociedade com significativas mudanças desde a sua origem (BARROS, 2021). Se por um longo período sua função foi de cuidar, hoje, século 21, sua função fica na junção do cuidar e do educar, sendo um indissociável do outro (BNCC, 2017).

Mesmo com as dificuldades, as creches estão adquirindo seu espaço a partir da sua inclusão em programas de formação em serviço, supervisão pedagógica, reformulação curricular e em programas de alimentação escolar e distribuição de materiais pedagógicos e com programas de formação de professores (CAMPOS et al., 2011).

Em pesquisa publicada por Bhering (2004), sinaliza que os pais de crianças entre 0 a 6 anos estão procurando instituições como creche e pré-escolas para o convívio de seus filhos(as) com outras crianças na busca do processo de socialização e escolarização, mas também na busca de local seguro e confiável para deixar seus filhos(as).

A escola possui um papel social de integração da criança com o conhecimento, relação social, construção de cidadania e cuidado pessoal, no entanto, quando não conta com a participação da família no auxílio de uma educação qualificada, deixa de ser um ambiente cultural, agradável e integrador por agregar sobrecarga (ARRUDA; VERÍSSIMO, 2013).

Não há como falar e pensar em Educação Infantil sem levar em consideração a rotina diária em que as crianças estão inseridas. A rotina é concebida por influências das concepções de infância, educar, cuidar e outras, por meio das instâncias como a saúde, emprego, assistência social, segurança e formação profissional e pelos aspectos que compõem o currículo, planejamento das atividades, desenvolvimento infantil e do ambiente (BHERING, 2004). E essa rotina precisa ser centrada na criança para que possa direcionar e valorizar a criança em seu desenvolvimento. Na EI, deve-se favorecer os momentos em que as crianças satisfaçam suas necessidades e

direitos por meio do brincar, de lugares seguros com insumos adequados a sua faixa etária para que sejam estimuladores, que possam ter opções de escolha de atividades para se engajarem e com quem interagir (BHERING, 2004).

Com a publicação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, a EI² ganha uma seção com descrição do que deve ser ofertado às crianças através dos campos de experiências (O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação e; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.), os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a EI e os aspectos da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

De forma muito resumida, a EI inicialmente respondeu a uma demanda social por atender crianças de famílias trabalhadoras e expandiu-se para atender uma necessidade específica de socialização das crianças e que hoje, acompanha as tendências e demandas das pesquisas que reconhecem a infância como uma etapa do desenvolvimento que merece atenção e investimento (BHERING, 2004).

“A Educação Infantil, hoje vista como um direito, pode oportunizar situações no ambiente coletivo que sejam de qualidade para que cada indivíduo verdadeiramente se beneficie deste atendimento específico.” (BHERING, 2004, p. 19)

A proposta exposta na pesquisa de Bhering (2004) é de impulsionar a discussão sobre caminhos para cumprimento de metas da Educação Infantil de promover o desenvolvimento global da criança, de permitir o potencial do adulto, seja ele professor(a) e familiares seja utilizado pela sociedade de forma adequada e desejável para que todos possam viver da maneira como escolheram para suas famílias, que as condições de carreira para professor sejam compatíveis com outras profissões valorizadas entre várias outras discussões importantes que visam uma EI equitativa.

Visando a potencialização do desenvolvimento e aprendizagem das crianças, as duas instituições fundamentais para esse processo precisam compartilhar responsabilidades.

Existem várias teorias psicológicas que vão direcionar seus estudos para determinados aspectos do processo de aprendizagem. Teóricos como Piaget e

² A sigla EI será usada em substituição do termo Educação Infantil para facilitar a leitura.

Vygotsky indicam sobre a capacidade de aprendizagem da criança e situações propícias para o desenvolvimento integral, fomentada por meio de oportunidades para que suas habilidades sejam consideradas em todas as etapas do desenvolvimento. Essas e outras teorias norteiam para a formação de cidadãos produtivos para o futuro (BHERING; MÍCHELS, 1999).

1.4 TEORIA SOCIAL DE BRONFENBRENNER

A teoria proposta por Urie Bronfenbrenner identifica 5 níveis de influência ambiental: microssistema; mesossistema; exossistema, macrosistema e cronossistema. Para entender o desenvolvimento humano por meio de sua teoria, a pessoa precisa ser vista dentro do contexto desses variados ambientes (PAPALIA, FELDMAN, 2013).

Os autores acima descrevem as influências ambientais propostas por Bronfenbrenner da seguinte forma: o microssistema como o ambiente do cotidiano em casa, na escola, no trabalho ou na comunidade, com os relacionamentos fazendo parte desse sistema. O mesossistema é o entrelaçamento de vários microssistemas, podendo incluir vínculos entre eles. O exossistema é o vínculo entre um microssistema e sistemas de instituições externas que afetam a pessoa de forma indireta. O macrosistema é composto pelos padrões culturais - crenças e ideologias - e sistemas políticos e econômicos. E por fim, o cronossistema é referente a mudança ou constância no indivíduo e no ambiente.

Tudge (2008) expõe que a teoria de Bronfenbrenner é uma teoria contextualista e que o contextualismo é um paradigma dialético que é compreendido como uma construção social e que a cultura e história fazem parte da realidade, ou seja, não é uma única realidade, mas múltiplas realidades e que o indivíduo não pode ser estudado separado dos seus contextos. O autor ressalta que as teorias contextualistas são teorias sobre como o desenvolvimento emerge da inter-relação do indivíduo e do contexto.

O método de pesquisa referido por Bronfenbrenner é o modelo de Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (PPCT). A pessoa - corresponde aos fatores biológicos e genéticos no desenvolvimento. As características pessoais são de três tipos denominadas de demanda, recurso e força. As de demanda são as características de estímulo pessoal e podem influenciar as interações iniciais em função das

expectativas que se formam imediatamente. As características de recurso são parcialmente relacionadas com recursos cognitivos e emocionais e também com recursos sociais e materiais. Por fim, as características de força são relacionadas às diferenças de temperamento, motivação e persistência (TUDGE, 2008). O autor esclarece ainda que para Bronfenbrenner, duas crianças que possuem a mesma característica de recurso podem seguir trajetórias diferentes.

O contexto - envolve os quatro sistemas já descritos anteriormente, microssistema, macrossistema, mesossistema e exossistema. E o tempo - elemento de suma importância. Tudge (2008) expõe que assim como os demais componentes do modelo PPCT, Bronfenbrenner e Morris (1998), dividiram o tempo em microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo é relacionado ao que está ocorrendo no momento de uma determinada situação ou interação. O mesotempo corresponde em que medida atividades e interações ocorrem com frequência no ambiente do imediato do indivíduo em processo de desenvolvimento e por fim, o macrotempo ou também chamado de cronossistema. O processo refere-se ao processo de desenvolvimento que varia conforme os eventos históricos singulares que estão sendo vivenciados pelos indivíduos em desenvolvimento dependendo da sua idade (TUDGE, 2008).

“Na teoria de Bronfenbrenner, como todas as teorias contextualistas, a maior atenção recai sobre as atividades e interações cotidianas, nas quais os indivíduos participam regularmente (TUDGE, 2008, p. 7)”

Tudge (2008) expõe pesquisas comentadas em que foram realizadas com os pais e mães de crianças em que foram utilizadas perguntas abertas em que indicaram suas percepções sobre seus filhos de três anos. O que muito se assemelha com a atual pesquisa realizada com as mães de crianças matriculadas em creches.

Diante deste contexto, o presente estudo justifica-se por acolher o lado das mães acerca da importância da educação infantil para o desenvolvimento de suas crianças e viabiliza pensar estratégias de aproximação da família com a escola.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- (1) Realizar um estudo exploratório acerca da relação entre família e escola na Educação Infantil.

3.2 Objetivos específicos

- (1) Descrever o que as mães consideram como importante fator para matricular suas crianças na Educação Infantil;
- (2) Investigar as percepções de mães sobre o ingresso dos seus(suas) filhos(as) na Educação Infantil;
- (3) Analisar como é a relação das mães com os profissionais da educação.

4 MÉTODO

4.1 PARTICIPANTES

Foram convidadas, pela diretora de duas escolas, a participar da pesquisa 5 famílias com crianças entre 2 a 4 anos de idade, matriculadas na rede municipal de Barretos em turmas de creche, no entanto, atenderam ao convite 5 mães. Os únicos condicionantes para participação na pesquisa foram disponibilidade de tempo para a realização da entrevista, interesse e aceite através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.2 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo/Campus Ribeirão Preto sob CAEE nº 56535022.0.0000.5407.

As participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com informações a respeito da pesquisa que viabilizou a decisão e formalização através da assinatura do mesmo.

4.3 LOCAL

As entrevistas foram realizadas em duas escolas de Educação Infantil em que tinham crianças matriculadas durante o período de coleta em horário matutino ou vespertino no município de Barretos/SP.

A escolha pelo município foi decorrente da realização de projeto intitulado “Avaliação do Programa de Aprimoramento Sistemico” em que a pesquisa está vinculada e é desenvolvido pelo LEPES.

Segundo o Censo (2020), Barretos possui uma população de 122.833 habitantes com uma densidade demográfica de 71,60 hab/km². A origem do município de Barretos remete à história dos bandeirantes. A rede de educação de Barretos conta com unidades próprias e conveniadas.

Por se tratar de uma rede pequena, o nome das escolas não será divulgado.

4.4 MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

As entrevistas foram gravadas após assinatura do TCLE e posteriormente transcritas para realização de análise qualitativa.

4.5 INSTRUMENTO

Foi elaborada uma entrevista semiestruturada com 17 perguntas abertas distribuídas no roteiro em sete partes: i) motivação para matrícula na Educação Infantil; ii) possíveis influências da escolha da escola; iii) percepção de fatores importantes na escola; iv) expectativas sobre o que é ensinado na escola; v) percepção sobre o desenvolvimento infantil; vi) relação com os profissionais (professora(or) e diretora(or)) da escola; vii) reuniões e eventos da escola e viii) autocuidado.

As perguntas foram elaboradas com base no instrumento de Escala de Avaliação de Ambientes de Aprendizagens dedicados à Primeira Infância - EAPI - Família que contém 140 itens divididos entre seções de: sobre você; sobre a criança; sobre a família; relação família-escola; participação; demandas e percepção de qualidade; saúde e bem-estar; lazer, cultura e meio ambiente; questões culturais e étnico-raciais; crianças com deficiências e outras especificidades; práticas parentais; sobre a família e a covid-19 e encerramento. Com o objetivo de complementar as informações e conhecer a realidade das famílias de forma mais clara e com espaço de fala.

O tempo de duração das entrevistas variou bastante, de 15 a 50 minutos.

4.6 PROCEDIMENTOS

Os dados foram colhidos por meio de entrevistas com roteiro semi estruturado (APÊNDICE A), gravadas e transcritas para posterior análise. O roteiro foi elaborado com perguntas abertas, com a finalidade de permitir o aflorar das experiências e vivências das entrevistadas. Segundo Minayo (2000), ao utilizar a entrevista semiestruturada, há abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação do pesquisador e dos atores sociais enredados na pesquisa.

As perguntas elaboradas buscaram atingir o escopo dos objetivos da pesquisa, onde buscou-se conhecer possíveis influências na escolha da escola, percepção de aspectos considerados importantes na escola, expectativas, percepção sobre desenvolvimento infantil, relação com os profissionais da escola (professor(a) e diretor(a)), reuniões e eventos propostos pela escola e autocuidado.

As participantes foram indicadas pela diretora de uma escola da cidade de Barretos/SP, levando em conta a disponibilidade no dia da realização das entrevistas e interesse, de forma consentida através de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.7 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados segue o proposto por Bardin (2016) com a criação de categorias para análise de conteúdo buscando a dinâmica pessoal do entrevistado com base no seu processo mental. Para isso, foi realizada etapa de transcrição das entrevistas e leitura atenta para imersão no conteúdo emergido, análise para definição das categorias de conteúdo e discussão dos resultados encontrados e alicerçado na literatura científica.

As categorias transcritas a seguir foram definidas a partir da repetição de conteúdo nas entrevistas em consonância com os objetivos da pesquisa, resultando em:

i) Aprendizado enquanto responsabilidade da escola

Nesta categoria será discutido e descrito sobre a aprendizagem como fator motivador para as mães matricularem suas crianças na escola, além de relacionar as percepções das mães ao que é esperado que suas crianças aprendam na EI e o que entendem que seja o papel da escola da EI.

ii) A importância da interação no desenvolvimento infantil e na relação família e escola;

Investigar as percepções das mães sobre o ingresso de suas crianças na EI considerando a interação das professoras com as crianças e a interação entre os pares favorecida no processo de aquisição de aprendizagem.

iii) Função e modelos de reuniões escolares

O objetivo desta categoria é analisar como é a relação das mães com os profissionais da educação da escola. As reuniões propostas contribuem para uma aproximação com os familiares das crianças? Como as reuniões podem ser mais interessantes? O que a escola pode fazer para aproximar as famílias? O diálogo com a professora e a diretora é feito apenas por meio das reuniões?

5 RESULTADOS

Os resultados, apresentados neste capítulo, são frutos das entrevistas realizadas com 5 mães que aceitaram participar do estudo e estão descritos com base nos objetivos do estudo. Os dados foram apresentados com o objetivo de descrever o fenômeno da relação entre família e escola na EI, objeto deste estudo em profundidade. Com a finalidade de preservar o sigilo garantido às participantes, os nomes foram trocados por nomes de mulheres heroínas da editora norte-americana Marvel Comics de histórias em quadrinhos.

Para viabilizar a exposição dos achados, optou-se pela divisão dos temas organizados no roteiro de entrevista, nas seguintes dimensões: fatores que motivaram a busca pela matrícula na UE, fatores que influenciaram a escolha da UE, percepção de aspectos importantes na escola, percepção sobre desenvolvimento infantil, relação com os profissionais da educação (professoras(es) e diretora(or)) da escola, percepção sobre reuniões e eventos da escola e autocuidado.

Fatores que motivaram a busca pela matrícula na escola

Considerada aqui como o ponto de partida para matricular as crianças na educação infantil.

Nos relatos, 4 das mães entrevistadas indicaram como motivação para matrícula na Educação Infantil o aprendizado das crianças como fator principal. Não foi indicado especificamente a qual aprendizado se referiam. Apenas uma sinalizou a necessidade de ter um local para deixar a criança enquanto ela e o marido trabalham. Surgiu também como fator de motivação para a matrícula a interação das crianças com seus pares.

Carol expôs que sua criança estuda no turno matutino, mas a escola funciona com a turma de forma integral, então quando precisa realizar algo no período vespertino, deixa a criança na escola por mais tempo e Sersi chegou a matricular sua criança numa escola particular por precisar trabalhar e não ter com quem deixar e por não conseguir fornecer convivência da sua criança com outros adultos e pares.

Jane possui duas crianças matriculadas na escola de educação infantil, uma delas possui o diagnóstico de autismo. Se identifica como mãe típica e atípica e no

seu relato a interação social e a necessidade de aprender sobre respeito e divisão foram citadas como muito importantes.

Fatores que influenciaram a escolha

Sofremos influências das mais variadas formas. Seja por meio das pessoas que estão ao nosso redor, familiares, amigos ou conhecidos, seja por meio dos meios de comunicação, como redes sociais, e nossa bagagem pessoal.

Ao todo foram realizadas 4 perguntas disparadoras com relação a ocorrência de algumas influências no processo de escolha da escola em que as crianças estavam estudando e de forma unânime, todas as genitoras indicaram como influência principal da localização da escola, por serem próximas de suas residências.

Questionadas se a pandemia por Covid-19 teria influenciado em suas escolhas, todas responderam que não. No entanto, Sersi chegou a matricular sua criança numa escola particular durante a pandemia, indicando não ter escola e Emma relatou que sua criança ficou com déficit por ter passado dois anos em casa, indicando que as aulas online não são a mesma coisa e que isso prejudicou sua criança.

Com relação a influência de suas experiências ou de suas vivências na vida escolar, todas as mães indicaram que sim, suas experiências contribuíram de alguma forma em suas escolhas. Carol sofreu interferência por ser professora da rede e conhecer o trabalho, assim como Sersi que possui um familiar que trabalha na rede. Por na sua época não existir Educação Infantil, apenas a pré-escola, Emma considera que se tivesse tido essa oportunidade, teria sido melhor então acredita ser muito importante esse conhecimento adquirido nos anos iniciais. A bagagem da família de Jane contribuiu na escolha de matricular a criança na escola municipal, mesmo com condições de pagar uma escola particular.

Não houve unanimidade com relação a sugestão de outros atores no processo. Wanda considerou o relato dos vizinhos, que falaram muito bem da escola, e por acompanhar por meio das redes sociais. Carol e Sersi tomaram a decisão em conjunto com o marido. A realidade retratada por Emma foi a mais diferente, pois segundo ela, a família é muito super protetora e diziam que a criança era muito novinha, muito bebê. E que a decisão foi dela e de forma impositiva, por bater o pé e matricular e que o fator de proximidade da escola de sua residência, foi contributivo para sua escolha.

Jane solicitou a opinião da Terapeuta Ocupacional (TO) que atende sua criança sobre matricular em escola particular ou pública. E a questão da inclusão e a cuidadora que a criança tem por direito assegurado pelo diagnóstico, foram expostos. Consideraram também a experiência da profissional com o atendimento a crianças com autismo e os problemas que poderiam ter diante de uma escolha oposta.

Percepção de aspectos importantes na escola

Para viabilizar o discurso dessa percepção, foram feitas três perguntas disparadoras: i) Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?; ii) O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz? e; iv) Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar e por quais motivos?

Todas as mães responderam que não trocariam suas crianças da escola, mas por motivos diversos. Além de gostarem da escola e a acharem muito boa, mencionaram a adaptação positiva da criança, questões sobre ocorrência de possíveis mudanças na própria rotina e questões relacionadas à inclusão e aprendizagem.

Jane relatou que a questão da aprendizagem às vezes acaba sendo esquecida, mas que as crianças, mesmo sendo pequeninas, vão à escola para aprender e não passar tempo. E que se percebesse que a escola não está agregando em nada, se questionaria sobre uma possível mudança de escola.

Três genitoras informaram que a escola atende ao que elas esperam e as outras duas trouxeram a necessidade de mais convívio entre a família e a escola através de mais eventos e reuniões que favoreçam a comunicação entre os responsáveis e os professores e/ou cuidadores. Jane indicou o desejo de que a escola trabalhasse inclusão com as crianças e a necessidade de aproximação dos cuidados com os responsáveis.

Diante da possibilidade de abrir uma escola, as mães manifestaram que não poderia faltar pessoas competentes e com amor pelo que fazem e carinho às crianças. Carol mencionou que a escola precisaria ser acolhedora, sendo um ambiente agradável, com alimentação em decorrência do tempo em que as crianças passam na escola, com ensino e rotina. E que não poderia faltar interação entre os responsáveis e a escola. Sersi também aludiu à necessidade de alimentação e brinquedos

estimulantes. E Jane indicou que não poderia faltar uma educação respeitosa, com ambiente que preza pelo amor e carinho.

Não foram explicitadas por todas, expectativas específicas acerca do que é ensinado na escola, pois algumas indicaram que a expectativa estava sendo cumprida exatamente como ocorre na escola, que a criança aprenda bem e que cada dia aprenda algo novo.

Conteúdos relacionados às cores, os números, as letras, as formas geométricas, contação de histórias e realização de brincadeiras, conseguir realizar as atividades e também adquiriram conhecimentos relacionados a respeito, pensar de forma coletiva e a respeitar as diferenças intelectuais e temporais de cada um.

Percepção sobre desenvolvimento infantil

Conhecer o que a família compreende por desenvolvimento infantil foi um dos objetivos deste eixo temático, além de qual sua responsabilidade nesse processo e quais estímulos são considerados como importantes. Foram realizadas 3 perguntas disparadoras para que as mães pudessem comunicar seus conhecimentos acerca de desenvolvimento, estímulos e o papel familiar:

Para o desenvolvimento saudável de uma criança, o ambiente foi indicado por 3 participantes. Consideram o ambiente da escola, o ambiente familiar, e aspectos relacionados à limpeza, alimentação, saúde e a socialização. A relação família e escola surgiu como importante para o desenvolvimento das crianças. A brincadeira também apareceu no relato de uma genitora, que além do respeito às crianças.

A família e a escola foram colocadas como complementares no desenvolvimento das crianças, no sentido de que uma precisa da outra, mas que a escola cabe a durante o momento em que as crianças estão lá, mas que a educação vem de casa. Para separar o que seria responsabilidade de cada um, Emma colocou da seguinte forma: família é educação e professora é aprendizagem. Wanda expôs que, ao seu ver, a família ajuda com o acompanhamento da escola. Sersi levantou pontos sobre uma criação neuro compatível e que a maior parte do desenvolvimento da criança na escola deve vir de casa.

Foi citado como bons estímulos para uma criança a brincadeira, boa convivência familiar, dialogar com as crianças, as atividades que a escola faz com as crianças e atividades extracurriculares como natação, balé. Além de amor e carinho.

Relação com os profissionais (professoras(es) e diretora(or)) da escola

Nesse eixo temático, o objetivo foi a apreensão dos momentos e formas de comunicação das famílias com a professora da turma de sua criança e da diretora da escola, considerando que são esses os profissionais de maior contato e responsabilidade com a criança no meio educacional. Sabe-se que a escola não pode ser reduzida a apenas esses dois profissionais, no entanto, esses seriam os de mínima necessidade de contato para saber o que ocorre com a criança na escola. A(o) professora(or) enquanto mediadora no processo e a diretora como responsável pela escola.

Para tanto, foram feitas duas perguntas disparadoras: i) Como é sua relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam? e; ii) Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?

As comunicações entre as professoras e as genitoras se dão por meio de troca de mensagens por WhatsApp ou por meio de reuniões escolares. E foi mencionado também o uso da agenda da criança. O conteúdo das trocas entre professoras e genitoras não foi muito mencionado e quando surgiram foi em relação a avisar a professora que a criança começou a usar óculos de grau ou quando a professora é questionada sobre como a criança está se tudo correu bem no período.

Com a diretora a comunicação não ocorre de maneira muito diferente. Houve relato de conhecer e ter maior contato com a diretora no momento das reuniões escolares. E de que a diretora fica na porta da escola no período da manhã. Mas todas disseram que a comunicação com a diretora era muito boa e que a mesma sempre estava aberta para dialogar.

Percepção sobre reuniões e eventos da escola

Para identificar a percepção das mães sobre as reuniões e eventos propostos pela escola, as seguintes perguntas disparadoras foram feitas: i) O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?; ii) As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?

Além de conhecer como ocorrem as reuniões e os eventos, a intenção também foi viabilizar a elucidação de sugestões acerca dos objetivos ou organização das reuniões e eventos.

As reuniões são vistas como boas, apesar de objetivas, proporcionam interação, assim como os eventos propostos pela escola. No entanto, não há participação de todos os responsáveis pelas crianças matriculadas. A frequência das reuniões foi apontada como bimestral.

Os eventos que fazem parte do calendário escolar são muitas vezes aqueles relacionados às datas comemorativas como dia das mães, dia dos pais, festa junina, páscoa, dia da família, dia das crianças, entre outros. A festa junina e o dia das mães foram mencionados e como ponto relacionado a eles o entusiasmo das crianças em participar.

Carol explicou que gosta de participar dos eventos e sua criança fica muito animada e cobrando sua participação. Wanda acredita que os eventos proporcionam uma interação a mais com a família e as crianças. Sersi aponta para a necessidade de ter mais eventos, para trazer mais a família para a comunidade, para participar mais, assim como Emma que deseja que a escola promova mais momentos.

Como sugestões para os momentos das reuniões, surgiram a realização de reuniões individualizadas e de convidar os pais que não participaram das reuniões para conhecer melhor a sua realidade, o motivo da sua ausência nas reuniões, utilizar outros recursos para trazer os responsáveis ausentes.

As reuniões são vistas como um espaço necessário na relação família e escola, mesmo que a participação não seja de forma massiva, como as próprias mães relatam. Com relação a forma que esse espaço é utilizado, no caso, se as reuniões contribuem com a aproximação, três mães relataram não terem dúvidas que contribuem e que é um momento esclarecedor. Outras duas expuseram que acham que não contribui.

Surgiu a questão dos horários e dias em que as reuniões são marcadas em conflito com o horário de trabalho e falta de flexibilidade, o que pode ser um fator contributivo na ausência, segundo relato. Questões relacionadas à organização dos assuntos tratados também foi motivo de proporcionar reflexão para uma mudança e reuniões individualizadas, separadas por turmas e realizadas na própria sala da criança.

Outra sugestão dada, foi a realização de reuniões com abertura para emissão de opinião dos responsáveis, ao mesmo tempo em que houve o reconhecimento de dificuldade de concretizar esse momento, por terem pais que reclamariam muito. Como forma de evitar uma chuva de reclamações, Jane recomenda que uma aproximação da escola com os pais, conhecendo quem são esses pais para depois abrir reuniões em que fosse possível identificar o que os pais precisam, o que querem de melhoria, o que acharam do semestre, o que acharam da aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Percepção sobre autocuidado

A ideia de inserir o autocuidado no roteiro foi para identificar se em meio a rotina, as mães, tinham tempo para pensar em si, na sua qualidade de vida diante de um contexto familiar com crianças pequenas em que muitas vezes além do trabalho externo, são as principais e em alguns casos, as únicas responsáveis. Para isso, a pergunta disparadora foi: Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal?

O autocuidado foi relacionado a questões de vaidade, saúde mental e estudo. E também a auto realização através da felicidade dos próprios filhos. Foi mencionada a importância de se ter o momento próprio, como ir ao salão de beleza, a necessidade de encontrar espaço para si dentro da rotina. Uma mãe informou que faz terapia para assimilar o que ocorre em sua vida e que é preciso encontrar tempo para se cuidar, considerando que sem ele, não tem como aguentar.

Dois mães contaram que voltaram a estudar e, mesmo casadas com o pai da criança, mencionaram que estão sozinhas nos cuidados com as crianças. A figura paterna foi citada por duas mães enquanto elucidaram sobre o autocuidado. Carol conta que a noite o marido está em casa, momento que partilham os momentos juntos e Jane coloca que é sozinha com as crianças, agradecendo a possibilidade do marido ficar com as crianças para que pudesse participar do estudo.

6 DISCUSSÃO

Com base nos resultados das entrevistas, três categorias de conteúdo foram articuladas com o embasamento teórico deste estudo, são elas:

- Aprendizado enquanto responsabilidade da escola: nesta categoria será discutido e descrito sobre a aprendizagem como fator motivador para as mães matricularem suas crianças na escola, além de relacionar as percepções das mães ao que é esperado que suas crianças aprendam na EI e o que entendem que seja o papel da escola da EI.
- A importância da interação no desenvolvimento infantil e na relação família e escola: investigar as percepções das mães sobre o ingresso de suas crianças na EI considerando a interação das professoras com as crianças e a interação entre os pares favorecida no processo de aquisição de aprendizagem.
- Função e modelos de reuniões escolares: o objetivo desta categoria é analisar como é a relação das mães com os profissionais da educação da escola. As reuniões propostas contribuem para uma aproximação com os familiares das crianças? Como as reuniões podem ser mais interessantes? O que a escola pode fazer para aproximar as famílias? O diálogo com a professora e a diretora é feito apenas por meio das reuniões?

1 - Aprendizado enquanto responsabilidade da escola

Com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a educação no Brasil ganhou um caráter normativo que visa determinar as aprendizagens essenciais a todos os alunos durante o percurso da educação básica. Na escola, após a publicação da BNCC, devem sustentar práticas educativas voltadas para o trabalho do desenvolvimento de competências e habilidades que precisam ser alcançadas de acordo com cada faixa etária e ano de escolaridade (FREITAS; FREITAS; CAVALCANTE, 2021). A evolução proporcionada acerca da importância da Educação Infantil no desenvolvimento das crianças, culminou em diversas pesquisas nesta etapa de educação em relação aos professores, familiares e qualidade dos serviços prestados nas instituições de ensino.

Compreender o papel da escola aos olhos da família é importante para direcionar o olhar as expectativas que possuem de tal instituição e assim clarear os

fios condutores dessa relação. Barros (2021) explica que os significados sobre o papel da escola estão alicerçados nas questões sociais e econômicas, uma vez que as famílias precisam da escola como espaço para as crianças ficarem para que possam trabalhar. Mas não só isso, os relatos das mães guiam para a aprendizagem que esperam que a escola garanta às suas crianças, sendo esse um dos principais motivos para matrícula na Educação Infantil retratado por elas nesta pesquisa.

Nos discursos das mães, a inserção das crianças na Educação Infantil se dá pelo aprendizado que a escola pode proporcionar aos seus filhos e filhas.

“[...] então eu matriculei ela para ter o aprendizado também, que também é bem legal nessa faixa etária [...]” (Carol).

“Justamente por conta do aprendizado [...]. Os professores já são treinados para isso” (Sersi).

“[...] a gente acaba esquecendo que eles são pequenininhos mas que ele também vem aqui (na escola) para aprender, eles não vem aqui só pra passar tempo” (Jane)

Importante destacar a fala de Sersi a respeito das(os) professoras(es) da Educação Infantil. Evidenciando sua compreensão da necessidade de um profissional que proporcione condições objetivas e ensine as crianças com a finalidade de garantir o adequado desenvolvimento (BARROS, 2021). Na pesquisa desenvolvida por Silva (2021), as professoras de Educação Infantil revelaram percepção acerca do papel da EI como um espaço que as crianças frequentam com o objetivo de apreensão de aprendizagens. A prática docente, das professoras, possui um olhar pedagógico, com brincadeiras com finalidade educativa.

As ações das professoras com as crianças são constituídas histórica e culturalmente e possuem interferência na forma como elas representam o seu papel e a concepção de criança no contexto da Educação Infantil (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; OLIVEIRA, 2009).

Assim como as mães entendem que suas crianças vão para a escola para aprender, através da pesquisa de Silva (2021), fica notório que as professoras participantes deste estudo também reconhecem a Educação Infantil como um espaço em que as crianças aprendem.

Ainda com relação à aprendizagem, os relatos apontam para quais as aprendizagens apreendidas por suas crianças e quais esperam que a escola desenvolva.

“Ela (a criança) gosta de aprender, pergunta a letrinha de todo mundo, assim, então eu acho que é essencial sim, mesmo os pequenininhos já terem esse contato” (Carol).

“[...] estão aprendendo as formas geométricas, então assim, o círculo de massinha, eu acho que ela falou retângulo, então assim, minha expectativa é o que já vem acontecendo, cada dia ela chega com uma coisinha diferente em casa [...]” (Sersi)

“[...] eles aprendem o que estão vendo sabe, que tá ouvindo, então ele ver outro par da mesma idade brincar e querer fazer igual.” (Jane)

Ou seja, essas mães entendem que mesmo nesta fase, as crianças precisam estar expostas a estímulos que contribuam de forma significativa para o processo de aquisição de aprendizagem. Os benefícios da exposição a estímulos adequados nos primeiros anos de vida, criam a base para aprendizagens futuras (SARGIANI; MALUF, 2018). Além disso, é possível identificar que o estímulo mencionado por Sersi, está de acordo com o esperado para esta etapa de educação, em que as propostas devem ser lúdicas, estruturadas e direcionadas para aquisição de novas habilidades e competências para o desenvolvimento integral das crianças (SARGIANI; MALUF, 2018), mesmo que nenhuma mãe tenha mencionado a BNCC.

No próprio roteiro há uma pergunta sobre o que as mães consideram como bons estímulos, mas na pergunta sobre o que não poderia faltar se fosse abrir uma escola aparece um relato interessante.

“Brinquedos estimulantes [...] o estímulo é a base de tudo. [...] estímulos saudáveis [...] Por que eu acho que é a base, a base até os 6 anos, eu acho que é o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento neurológico [...]” (Sersi)

As mães responderam que entendem como bons estímulos:

“Eu acho que as atividades que a escola faz ajuda muito. [...] São bons estímulos” (Wanda)

“Assim, a criança gosta de tudo que é divertido, de tudo que é colorido, e de tudo que chama a atenção né. [...] Então eu acho que sim, tem que ser lúdico, tem que ser legal, tudo para que chame a atenção deles e eles queiram” (Carol)

“Estímulo você fala em que parte? Do estudo? Então começa em casa né[...] É entender, conversar, saber dialogar com a criança né. Eu acho que isso aí é um estímulo que é necessário desde bebezinho” (Emma)

“Inúmeros, por exemplo, todo final de semana eu [...] levo ela no parquinho [...] ela tem outras atividades extracurriculares, ela faz, faz natação desde os 9 meses, com 3 anos pretendo colocar ela no balé [...] brincando, eu levo ela para fazer piquenique, tem o parque de peão que tem animais, eu levo ela para ver os animais. Então assim, eu ocupo muito o tempo dela. Os estímulos que eu uso são esses” (Sersi)

Alguns aspectos que fazem parte da estrutura escolar, seja estrutura física ou pedagógica, poderiam surgir nesta categoria. Presença de parquinho, piscina, refeitório, salas amplas, quantidade de professoras(es), rotina proposta, aprendizagem. No entanto, nenhuma mãe mencionou aspectos da estrutura física da escola.

Através dos relatos as mães indicam reconhecer o papel da escola enquanto promotora de desenvolvimento. Ao destacarem a preocupação com a aprendizagem e ao desenvolvimento das crianças, estão sinalizando sobre a função docente no processo de aprendizagem (BARROS, 2021).

Ao ver de Freitas, Freitas e Cavalcante (2021) o papel da escola é de expor, desenvolver e refinar os conteúdos de forma dinâmica, além de interferir direta ou indiretamente no desenvolvimento moral das crianças. A educação praticada nas escolas possui objetivos específicos, quase sempre cognitivos que são expostos de maneira clara e os objetivos sociais, afetivos e morais também são trabalhados (PINTO; BRANCO, 2009)

2 - A importância da interação no desenvolvimento infantil e na relação família e escola

Todas as mães em algum momento da entrevista mencionaram preocupação acerca da interação no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil de suas crianças. Embora tenham mencionado a interação, o discurso ficou concentrado na relação entre os pares, não surgiu nos relatos qualquer conhecimento ou suspeita de aprendizagem por meio da presença da professora enquanto responsável em oportunizar o espaço de interação e nem como modelo para as crianças.

Outro dado importante, indicado pela ausência nos discursos, é a visão apenas positiva das interações sociais, conforme relatos a seguir:

“[...] a gente pensa assim, tá na escola, tá interagindo com outras crianças, tá desenvolvendo. [...] eu acho a escola importante por conta disso sabe, por conta dessa interação, assim que tem, dessa convivência com outras crianças, de aprender a respeitar, dividir [...]” (Jane)

“[...] é mais para interação dele né? Para ele ter contato com outras crianças porque em casa era mais adulto, então ele precisava do contato com outras crianças para aprender né? [...]” (Wanda)

“[...] O meu objetivo mesmo em trazer ela pra escola é que ela tenha interação social com os amiguinhos [...]” (Carol)

As interações podem ser construtivas ou negativas. Na primeira, existe estímulo ao desenvolvimento típico de cooperação, a criança é estimulada a ter sentimentos e atitudes positivas em relação a si e ao outro. Nas interações negativas,

há um direcionamento ao egoísmo, sem que a criança tenha preocupação com os sentimentos ou necessidades dos outros, gerando comportamentos de competição ou certo grau de hostilidade. Essa qualidade das interações, seja ela professora-criança, criança-criança vai depender das orientações e reforços da professora (PINTO; BRANCO, 2009) no cotidiano da EI.

Ao falarem sobre interação, 3 mães vincularam a interação existente entre elas e a escola ou a necessidade de mais interação com a família e a escola.

“Se eu fosse abrir uma escola? [...] Então eu acho que não poderia faltar essa interação. Porque eu sempre prezo por isso, pai, família e escola, eu acho muito importante.” (Emma)

“Eu adoro os eventos, porque eu acho que é uma interação a mais com a família e com as crianças.” (Wanda)

“[...] o que eu acho é que pode haver mais, seria essa interação, família e escola.” (Sersi)

“[...] eu não conseguiria suprir em casa às necessidades que ela tem de dividir, as necessidades que ela tem de convívio com outras crianças [...] a questão principal é a necessidade dela de conviver com outras pessoas, com outras crianças, essa questão de dividir [...]” (Sersi)

A escola e a família são instituições importantes para a promoção do desenvolvimento da criança, possuem expectativas e interesses no processo e operam juntas como inibidoras ou estimuladoras do desenvolvimento intelectual, social e afetivo das crianças (FREITAS; FREITAS; CAVALCANTE, 2021).

Através de seus relatos também é notória a visão de que a criança convivendo com outras crianças deve aprender a dividir e respeitar, mas novamente remete a ideia de que isso ocorre naturalmente, sem a intervenção da professora.

A interação verbal, é a base de todo relacionamento, seja no contexto escolar, familiar ou social. Na relação com a professora, essa interação fica por conta da atenção, dos momentos de conversas com idas e vindas e afeto. Esse processo

retroalimenta as interações que foram constituídas na instituição familiar (ARRUDA; VERÍSSIMO, 2013).

No contexto atual, a escola possui papel de promover a interação de forma integral, ou seja, além do nível verbal, físico, afetivo e social com os pares, deve também promover interações com as professoras e os adultos que compõe a instituição escolar (SILVA; SANTOS, 2020)

Através da interação, da convivência escolar, é possível que as crianças aprendam através da imitação, observação e transmissão social. Essas vivências provocam aprendizagens e só podem ocorrer através da relação com o outro, como é o caso da relação entre a professora e as crianças. As crianças também aprendem através de suas próprias experiências com objetos e suas produções (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; OLIVEIRA, 2009) Os autores relembram que a escola é um ambiente de socialização diferente do familiar, principalmente pelas crianças não possuírem o mesmo vínculo afetivo e devido ao cuidado com várias crianças ao mesmo.

Para que a relação entre a família e a escola seja efetiva, Polonia e Dessen (2005) indicam a necessidade da geração de dados empíricos que viabilizem a identificação dos fatores que permeiam essa relação de forma a dificultar ou facilitar a interação.

3 - Função e modelos de reuniões escolares

As reuniões escolares são momentos que ocorrem dentro da escola com algumas finalidades. Santana (2019) explica que nas reuniões ocorrem reflexões e ações com o objetivo de promoção do ensino e aprendizagem das crianças. No entanto, mesmo que possuam esse objetivo, podem não conseguir alcançá-lo. A ausência dos responsáveis nas reuniões ou eventos ofertados pode ser um indicador de que algo está ocorrendo.

Um dado importante nas falas das mães é que o contato com a professora e com a diretora da escola é, muitas vezes, feito durante as reuniões.

“A gente conversa mais em reuniões e se eu estiver precisando de alguma coisa, também converso com ela diretamente [...]” (Wanda)

“[...] O contato com a direção maior é em reunião [...]” (Carol)

“[...] Conheci ela na reunião (a diretora) quando a gente veio pra cá.” (Wanda)

Na pesquisa de lunes et al. (2010) os familiares participantes afirmaram que nas reuniões esperam que a direção da escola informe sobre os projetos desenvolvidos pelos professores, tenha propostas de mudanças e melhorias na oferta dos serviços escolares e que a quantidade de reuniões deve ser adaptada pela necessidade da criança e da família.

Nesse sentido, faz-se necessário resgatar a fala de Jane sobre sua necessidade. Ela é mãe de uma criança autista e em seu relato expôs sua necessidade de contato com o cuidador da criança e que o mesmo também deveria ser inserido nas reuniões:

“[...] Porque não fazer uma reunião e também chamar os pais de crianças de inclusão entendeu, chamar esses cuidadores para se aproximar mais dos pais sabe, eu sei que é difícil, tem muito pai as vezes que eles fazem reunião e tem muito pai que não vem [...]” Nessa reunião por exemplo, vamos fazer uma reunião de começo do ano, é...vamos também chamar as cuidadoras que vão ficar com essas crianças para conversar com os pais, pra tipo assim, os pais conhecerem a fundo a cuidadora [...](Jane)

Vercelli e Zoadelli (2022) trazem que em sua pesquisa, por ser realizada em uma escola que atende crianças surdas, na primeira reunião realizada no ano, a professora intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) esteve presente fazendo a tradução e viabilizando que todos os presentes a conhecessem e soubessem como é feito o seu trabalho.

A fala de Jane remete exatamente ao que ocorreu na pesquisa acima mencionada. Ela deseja que além das professoras e diretora, as cuidadoras também participem, viabilizando a interação com as famílias e maior conhecimento das demandas das crianças que acompanha.

A escola precisa trazer os familiares para participarem, mas para isso, precisa ter estratégias viabilizem a presença e interação (SANTANA, 2019). Os espaços de troca devem ser oportunidades oferecidas às famílias como momentos de reflexão acerca do aprendizado e que seja feito através de trocas, debates e envolvimento de todos os presentes (GARCIA; MACEDO, 2011). No relato das mães, a participação em reuniões ocorre e por isso, sugerem algumas mudanças para torna o espaço mais proveitoso e informam os aspectos que as deixam satisfeitas com a reunião ou eventos propostos.

“[...] O que tem, eu participo sim. Tem reunião. Já teve algumas durante esse ano. Eu vim, acho que duas ou três que já teve esse ano. [...] Bem objetivo, nada de enrolação mesmo. Daí tem a parte com a gestora, que ela passa os recados da unidade e depois a gente tem a oportunidade de estar conversando com a professora pra tá conversando sobre a criança mesmo [...]” (Carol)

“ [...] bom, eu acho as reuniões muito boa [...] a escola poderia tentar uma forma de fazer reuniões às vezes individualizadas entendeu, para tentar entender às vezes, esses pais que às vezes não estão tão presentes. [...] se esse pai não está vindo na reunião, se ele ou veio uma vez ou outra, é o pai que às vezes não dá uma opinião, fica mais na dele e tudo, vamos tentar trazer esse pai pra cá, vamos convidar ele para vir aqui um dia [...] vamos chamar para uma reunião individualizada, entender como é esse pai, porque que ele não pode vir, porque que ele não tá vindo, o que que tá acontecendo, às vezes não vem mesmo porque, ah, meu filho não dá trabalho [...]” (Jane)

“[...] Eu acho que as reuniões é um meio de você estar mais próximo de saber o que está acontecendo na escola e principalmente, com o seu filho [...] eu acho que você vindo, tanto na escola, nas reuniões, eu acho mais interessante. [...] no dia da nossa reunião, muitas mães faltaram [...]” (Wanda)

“Aqui tem reuniões e programações né. Eu sinto que ainda falta um pouco na parte da programação mais um, mais junto, mas é, quando tem reunião super esclarecedor é, é bacana [...]” (Emma)

“[...] as reuniões são 7h da manhã, tem mãe que entra 7h30, vem, fica 10min e vai embora.[...] não é todo mundo que tem uma flexibilidade de horário [...]” (Sersi)

“[...] tentar fazer um outro tipo de reunião. Uma reunião assim, por exemplo, vai ter uma reunião dia tal, mas a gente quer uma reunião para os pais darem opiniões. [...] a gente faz as nossas reuniões que tem que fazer, passa como que é as regras, o andamento da escola, e se o pai tiver alguma dúvida naquele momento, ele vai tirar a opinião dele, vai questionar né. [...] por exemplo, a gente vai fazer uma reunião hoje, é... vamos fazer uma reunião e entender o que os pais precisam, o que que vocês querem de melhoria? Como que você achou que foi esse semestre? Cê achou que seu filho aprendeu, desenvolveu, como foi? [...] A professora também trazer esses pais pra cá, pra fazer uma reunião na salinha” (Jane)

No relato de Emma, há uma indicação de que as reuniões não proporcionam aproximação e interação entre os profissionais da escola e as famílias, pois mesmo com as reuniões, indicou sentir faltar de aproximação. Jane também traz pontos que indicam a necessidade de reformulação das propostas das reuniões. E que a ausência de alguns familiares pode estar relacionada ao bom comportamento dos filhos e assim não veem necessidade de buscar a escola. Nesse sentido, Santana (2019) sugere que as reuniões não imprimam aos responsáveis que sua função é de informar bom ou mau comportamento.

Utilizando a vivência de outras pesquisas que obtiveram sucesso ao repensar os modelos de reuniões escolares, na pesquisa de Vercelli e Zoadelli (2022), as reuniões são conduzidas pelas professoras e muitas vezes é realizada dentro da sala de referência das crianças ou em outros espaços, com a finalidade da família conhecer melhor os espaços da escola. Além disso, existe uma pauta coletiva, mas as professoras possuem autonomia para agregar outros assuntos. As autoras sugerem outras variações para ajudar no envolvimento, interação e participam das famílias nas reuniões, como:

“Nesta linha de pensamento salientamos outras variações que podem ser empregadas nas reuniões como por exemplo: os/as professores/as poderiam utilizar dinâmicas envolvendo as famílias; promover que vivenciem as mesmas situações de aprendizagens das crianças na escola; realizar resgates de como era as atividades escolares, na época em que estes familiares estavam na Educação Infantil; inserir trechos de vídeos, artigos e livros que tragam assuntos de interesse dos/as envolvidos/as, para serem debatidos; oportunizar que as próprias crianças possam protagonizar as reuniões, apresentando seus trabalhos, falando sobre que realizaram na rotina escolar, suas críticas, ideias etc.” (VERCELLI; ZOADELLI, 2022)

Polonia e Dessen (2005) enfatizam a importância em prezar as singularidades dos papéis dos pais, dos professores, dos coordenadores, dos diretores e de outros componentes da escola:

“Uma avaliação consistente e sistemática que indique os diferentes graus de participação e cada um deles na escola, auxilia a compreensão e a identificação das diferentes formas de participação dos pais nas atividades escolares e fornece informações sobre a dinâmica da família e dos processos evolutivos”

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar um estudo exploratório é reconhecer que são inúmeros os fatores que permeiam a relação entre a família e a escola. É reconhecer a grandiosidade de responsabilidades que essas duas instituições possuem no desenvolvimento do ser humano e por isso, na sociedade.

Ambas as instituições ganham roupagem e adornos diferentes com o passar dos anos. Se por um lado a família informa precisar da escola de educação infantil para garantir o adequado desenvolvimento para suas crianças, por outro, a escola anuncia, por meio de outras pesquisas mencionadas aqui, que também reconhece a relevância da participação familiar dentro do contexto escolar.

Esta pesquisa é um recorte, uma vez que seria impossível dar conta da imensidade de aspectos que envolvem a relação entre a família e a escola. No entanto, possui valor significativo ao expor relatos de mães que buscam e querem matricular suas crianças na Educação Infantil. Que mesmo sem mencionarem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), demonstram conhecimento acerca do que é necessário para o desenvolvimento das crianças dentro da escola.

Não podemos afirmar se as mães conhecem ou não o documento normativo de educação, e esse é um dado importante. Outro dado de igual valor é relacionado aos momentos de diálogos existentes na escola, as chamadas reuniões escolares. Não há uma receita pronta e perfeita acerca de modelos ou pautas de reuniões escolares, no entanto, com os resultados dessa pesquisa e das demais descritas aqui, é notória a necessidade de construção e envolvimento dos familiares e profissionais da educação das escolas para encontrar, dentro de cada realidade o melhor formato, o melhor dia e horário.

A motivação para ingresso das crianças na Educação Infantil relatados pelas mães diz respeito a aprendizagem e necessidade da interação entre os pares. A relação das mães com os profissionais da educação na escola é construída por meio das reuniões escolares.

Ao relacionarmos a motivação para inserção da criança na escola e os momentos de trocas entre a escola e as mães, pode ser um indicador de anseio das mães em participar ativamente do processo de aprendizagem, ultrapassando os muros da escola.

Ao informar as famílias do que é esperado do planejamento, além de proporcionar maior participação, agrega na contribuição que a família pode fornecer a sua criança. Por exemplo, informar às famílias sobre o impacto da leitura com as crianças para o desenvolvimento de habilidades e como momento promotor de vinculação e construção de memórias afetivas com a família.

Falar abertamente com as famílias sobre o papel da escola e o sobre o que é esperado das famílias é sinal de uma comunicação efetiva, em que as principais instituições que a criança circula estão em acordo e com a visão única sobre o desenvolvimento infantil.

Essa pesquisa pode servir como ponto de partida ou como contribuição para pensar os espaços ofertados às famílias dentro da escola, tanto em relação aos momentos de reunião, quanto ao que é tratado nesses momentos. Os eventos também podem ser utilizados como mecanismos de aproximação com as famílias, inclusive propondo em calendário que cada turma de Educação Infantil, por meio das famílias, irá propor e organizar um evento para integração das famílias entre si e entre as famílias e os profissionais da educação da escola.

Esperamos que esta dissertação contribua com as famílias e profissionais da educação na formação de vínculos contributivos para o desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo, Pósfácio Celso Lafer. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007. 10ª ed.

ARRUDA, A. Z. T.; VERÍSSIMO, M. D. L. R. A importância da afetividade na formação da criança desde a gestação até os três anos de idade. In: CHIESA, A. M. A experiência do I Curso de especialização em promoção do desenvolvimento infantil: concepção, estrutura e alguns resultados. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2013.

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, (217 [III] A). Paris, 1948.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, A. A. M. Na contramão das imposições: Em busca da (re)significação da função docente e do papel da escola de educação infantil. 2021. **Tese (Doutorado)** - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2021.

BHERING, E.; MÍCHELS, L. Psicologia Escolar: tendências para o século XXI. **Psic. esc. educ.**, v. 3, n. 2, Campinas, 1999.

BHERING, E. Educação Infantil: uma iniciativa produzida pela união de recursos e competências. *Contrapontos*, v. 4, n. 1, p.11 - 21, Itajaí, 2004.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1891. Rio de Janeiro: Congresso Nacional Constituinte. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado dos Negócios do Império. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em 05 de outubro de 2022

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Brasília: Senado Federal, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 04 outubro 2022.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Brasília: Senado Federal, 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 04 de outubro de 202

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília:Senado Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 6 de outubro de 2022.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. Brasília, 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>>. Acesso em 3 de outubro de 2022

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

CAMPOS, M., FÜLLGRAF, J.; WIGGERS, V. A qualidade da educação infantil brasileira: Alguns resultados de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, pp. 87-128, 2006.

CAMPOS, M. M.; ET AL. A qualidade da educação infantil: Um estudo em seis capitais brasileiras. **Tema em destaque**, v. 41, n. 42, jan/abr., 2011.

CHAVES, Lyjane Queiroz Lucena. Um breve comparativo entre as LDBs. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 29, 3 de agosto de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/29/um-breve-comparativo-entre-as-ldb>. Acesso em 3 de outubro de 2022

COHEN, Bruce P. Introdução a Sociologia. São Paulo, McGraw Hill do Brasil 1980.

COIMBRA, L. J. P.; SOUSA, A. P. R. Os fundamentos da Educação: é possível uma escola sem partido? In Revista Movimento: **Revista de educação do programa de pós-graduação faculdade de educação**. Niterói: Ano 6, número 11, jul/dez2019, p. 47-70. Disponível em: <<<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/38144/22286>>>. Acesso em 03 de outubro de 2022

PRIBERAM, **Dicionário Online** de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em:<< <https://www.dicio.com.br/instituicao/>>>. Acesso em: 3 de outubro de 2022.

FREITAS, M. C.; FREITAS, B. M.; CAVALCANTE, G. F. A importância da escola para crianças em contexto familiar monoparental. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n.1, p. 1-13, 2021.

FUJIMOTO, G. Avanços no Marco Legal da Primeira Infância. *Cenário Mundial das Políticas de Primeira Infância*, p. 24-59, 2016.

GASPARIAN, M. C. C. A família, a criança e uma visão psicopedagógica sistêmica. **Revista Psicopedagogia**, v. 36, n. 111, p. 332-340, 2019.

GIDDENS, A.; DUNEIER, M. A.; Richard P.; CARR, D. Introduction do Sociology. New York: W.W Norton & Company, INC, 10ª edition, 2018.

IUNES, S. M. S et al. Os pais e suas expectativas em relação à educação infantil da escola particular. **Psicologia da Educação**, (30), 2010, 113-126.

KUHLMANN JUNIOR, M. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). **Cadernos de Pesquisa**, v. 78, p. 17–26, 2013

LOVE, J. M.; SCHOCHET, P. Z.; MECKSTROTH, A. L. Investindo na Assistência e na Educação Eficazes das Crianças: Lições da Pesquisa. In: Young, M. E. Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010.

MARAFON, D. Educação infantil no Brasil: um percurso histórico entre as ideias e as políticas públicas para a infância. *Seminário Nacional De Estudos E Pesquisas História Sociedade E Educação No Brasil*, 7., 2009.

MIRANDA, D.; ALVES, A; CESTARO, P. Considerações sobre a qualidade na educação pré-escolar no Brasil. **Revista Internacional de Educación y Aprendizaje**, v. 3, n. 2, pp. 171-181. 2015.

MORO, C. Avaliação de contexto e políticas públicas para a educação infantil, v. 3, n. 1, 2017, p. 44-56.

MOTTA FILHO, C. (1955). UNIDADE EDUCACIONAL. *Revista da Faculdade de Direito UFPR*, 3.

MUSTARD, J. F. O desenvolvimento da Primeira Infância e o Comportamento Durante a vida toda. In: Young, M. E. Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010.

NETO, F. M. O; CALDAS, V. O.; MARQUES, W. B. S. K.; Marcos legais da educação infantil no Brasil. *Anais VII Congresso Nacional de Educação - CONEDU*, editora realize, 2021.

OLIVEIRA, D.; SUZUKI, A.; PAVINATO, G.; SANTOS, J. A importância da família para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da aprendizagem: um estudo teórico. **Revista Científica Intr@ciência**, edição 19, 2020.

PAPALIA, E. D.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-Line**, 9(33), 78–95, 2012. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i33.8639555>

PEREIRA, C. C. H. A escola que queremos para o futuro. **Revista Mais Educação**. Volume 3, número 5, publicada em julho de 2020. Disponível em: <<<https://www.revistamaiseducacao.com/sumario-v3-n5-2020>>> Acesso em 3 de outubro de 2022.

PICCOLI, I. R.; SILVA, I. R.; TEIXEIRA, L. S. A afetividade no desenvolvimento infantil, v. 8, n. 12, p. 202-212, 2019.

PINTO, R. G.; BRANCO, A. U. Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. **Temas em Psicologia**, v. 17, n. 2, p.511-525, 2009.

PLANO NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA: 2010 - 2022 | 2020 - 2030. Rede nacional primeira infância (RNPI), 2ª edição, Brasília, 2020.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

RAMOS, M. D. S. A importância da participação da família na educação infantil (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Cabaceiras, PB, Brasil, 2016.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online]. 1993, n. 4 [Acessado 3 Outubro 2022], pp. 15-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100003>>. Epub 26 Abr 2012. ISSN 1982-4327. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100003>.

RODRIGUES, J. S. M.; BOER, N.; MARQUEZAN, F. Marcos regulatórios e as implicações na organização do currículo para educação infantil brasileira. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, n. 1, p. 226-240, 2020.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; OLIVEIRA, Z. M. R. Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. **Psicologia USP**, v. 20, n.3, p.437-464, 2009.

SANTANA, A. S. Reunião de pais como uma prática avaliativa reflexiva e formativa. *Seminário Gepráxis*, v.7, n. 7, p.6857-6868, 2019.

SARGIANI, R. A.; MALUF, M. R. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n.3, p.477-484, 2018.

SARTI, C. A. Contribuições da antropologia para o estudo da família. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 3, n. 1-2, p. 69-76, 1992.

SAVIANI, Dermeval. O Trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. *In* *Novas Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Org. FERRETTI, Celso J et al. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de e MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Tempo* [online]. 2009, v. 13, n. 26 [Acessado 3 Outubro 2022] , pp. 32-55. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-77042009000100003>>. Pub. 09 Jun 2009. ISSN 1980-542X. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042009000100003>.

SCHUNK, D. H; DIBENEDETTO, M. K. Self-Efficacy Theory in Education. *Handbook of Motivation at School* Routledge, 2016.

SILVA, G. F.; SANTOS, M. M. F. A importância da afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil. **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.1, pp. 1029-1047. Curitiba, jan. 2020.

SILVA, J. B. As práticas pedagógicas de professoras de educação infantil em exercício docente na creche. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n.1, p.1-12, 2021.

SILVEIRA, M. L. Família: Conceitos sócio-antropológicos básicos para o trabalho em saúde. **Revista Família, Saúde e Desenvolvimento**, v.2. n.2, p.58-64, 2000.

TODGE, J. A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? Universidade da Carolina do Norte, Greensbow, EUA, 2008.

VERCELLI, L. C. A.; ZOADELLI, C. L. Reunião de pais: pesquisa-intervenção em uma escola de educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, v. 8, n. 3, 2022.

YOUNG, M. E. Do desenvolvimento da primeira infância ao desenvolvimento humano: investindo no futuro de nossas crianças. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2010.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 - Por que você matriculou a criança em uma escola?
- 2 - Quais características foram mais importantes para a escolha da escola no momento da matrícula? Você visitou outras escolas?
- 3 - A pandemia influenciou sua escolha?
- 4 - Suas experiências e/ou sua vida escolar influenciaram sua escolha?
- 5 - Outras pessoas influenciaram sua escolha? Quem influenciou sua escolha e por quê?
- 6 - Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?
- 7 - O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz?
- 8 - Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar? Por quais motivos?
- 9 - Quais são as suas expectativas sobre o que é ensinado à sua criança?
- 10 - O que você entende que não pode faltar para o desenvolvimento saudável de uma criança?
- 11 - A seu ver, qual é o papel da família no desenvolvimento da criança?
- 12 - O que você entende que são bons estímulos para uma criança?
- 13 - Como é a relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam?
- 14 - Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?
- 15 - O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?
- 16 - As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?
- 17 - Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal?

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM WANDA

1. Por que você matriculou a criança em uma escola?

Quando... Na verdade eu fiz a matrícula dele, pandemia foi em 2020 né? No meio de 2019 e a matrícula saiu no meio da pandemia, aí ele não pôde ir para a escolinha, ele nunca tinha ido e nem pôde. Era mais pelo aprendizado, né? Trás de importante para as crianças e ele adora a escola. Ele tem 4 anos.

2. Quais características foram mais importantes para a escolha da escola no momento da matrícula? Você visitou outras escolas?

Josiane - É do bairro, né? Pertinho de casa, então é mais fácil se locomover e porque eu gostei muito de lá. É um lugar muito bom. Por isso.

3. A pandemia influenciou sua escolha?

Josiane - Não influenciou.

4. Suas experiências e/ou sua vida escolar influenciaram sua escolha?

Josiane - Sim, assim, é mais para interação dele né? Para ele ter contato com outras crianças, porque em casa era mais adulto, então ele precisava do contato com outras crianças para aprender né? Então por isso. Nunca tinha ido nessa escola, foi a primeira vez.

5. Outras pessoas influenciaram sua escolha? Quem influenciou sua escolha e por quê?

Josiane - Assim, eu tinha vizinhos que já tinham as crianças lá e falavam muito bem da escola e também eu acompanhava pelas redes sociais né? E via como que a escola funcionava.

6. Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?

Josiane - Não trocaria. Eu adoro a CMEI.

7. O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz?

Josiane - Na verdade eu acho uma escola bem completa. Eles interagem muito com os pais, com as crianças. Então eu acho que não tem nada para mudar não. Eu gosto muito da escola.

8. Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar? Por quais motivos?

Josiane - Nossa, eu acho que pessoas competentes, com amor no que faz e muito carinho que toda criança precisa. É isso. Por que as crianças precisam o mesmo cuidado que tem em casa, ter na escola né? Assim, de carinho, de apoio, de educação, por isso.

9. Quais são as suas expectativas sobre o que é ensinado à sua criança?

Josiane - Não, ele tá ótimo. Ele aprende muito bem, as professoras são muito gente boa, dá todo apoio para ele. Era o que esperava.

10. O que você entende que não pode faltar para o desenvolvimento saudável de uma criança?

Josiane - Eu acho que o apoio de todos da escola e de casa também. Que é um grupo, né? Lá em casa você tem que fazer o de casa e aqui (escola) a professora com as atividades deles.

11. A seu ver, qual é o papel da família no desenvolvimento da criança?

Josiane - Ajudar com o acompanhamento da escola, porque a escola sozinha não dá conta. E nem todo dever é só da escola né? Tem a família para ajudar.

12. O que você entende que são bons estímulos para uma criança?

Josiane - Eu acho que as atividades que a escola faz ajuda muito. Que eles tem muitas atividades sempre na escola, eu acho que já ajuda muito. São bons estímulos.

13. Como é a relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam?

Josiane - A gente conversa mais em reuniões e se estiver precisando de alguma coisa também eu converso com ela diretamente, mas eu adoro a professora

dele. Tem um grupo (Whatsapp) da recreação e também a gente pode falar no particular né, se achar que no grupo não dá, pode falar no particular com ela também. Super acessível.

14. Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?

Josiane - Ela é muito gente boa. Também gosto muito dela. Conheci ela na reunião quando a gente veio pra cá (escola). É ótima pessoa também. Não precisei vir conversar só particular com ela. Ainda bem.

15. O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?

Josiane - Eu adoro os eventos, porque eu acho que é uma interação a mais com a família e com as crianças. E a escola também, eu gosto muito. A gente interage muito bem. Eu acho que tá no nível. Que tudo que elas fazem é bem completo, eu acho. Participo (das reuniões, eventos). Agora mesmo teve a festa junina, antes teve uma reunião para conversar e foi tudo muito bom.

16. As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?

Josiane - Ah, contribuem, com certeza. Eu acho que as reuniões é um meio de você está mais próximo de saber o que está acontecendo na escola e principalmente com o seu filho. Porque eu acho que o whatsapp hoje deixa um pouco distante, né? Você só fala ali, eu acho que você vindo, tanto na escola, nas reuniões, eu acho mais interessante. Eu acho difícil, porque no dia da nossa reunião, muitas mães faltaram, as que mais precisavam vir, são as que mais são faltosas. Eu não sei o que possa ser feito, porque a escola é bem completa, a escola te dá muito apoio, então eu não faço ideia o que faz as mães não virem.

17. Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal.

Josiane - Tenho sim, hoje mais né? Mas quando eu estava trabalhando, meu emprego era 12/36 então eu tinha um dia todo completo para estar em casa. Então hoje eu tenho sim, hoje mais ainda. **Você tem algo a acrescentar sobre a relação**

da escola com a família ou que poderia melhorar, o que são pontos de melhoria, o que tá bom - Não, está tudo ótimo pra mim. Adoro a escola, meu filho entrou na escola na pandemia, a vaga dele saiu na pandemia, mas ele não foi né? Por que estava tenso e agora que já voltou com tudo ele vem muito, ele adora a escola, adora as professoras então no dia da reunião eu falei que ele ama vir para a escola. Que o dia que ele não vem ele acorda chorando, falando porque não foi. Mas eu não tenho nada para falar, porque assim, eu gosto muito daqui, é uma experiência nova pra mim porque os outros dois já estão grandes, eu tenho três e os outros dois já estão grandes e ele pequenininho, pra ele também foi uma experiência nova, porque ele nunca tinha ido, primeira vez que ele foi ele amou a escola e eu acho que isso vem de quem está na escola, não só da escola né, porque eu acho que as pessoas que fizeram ele gostar da escola né? Não foi só o estudo, porque muitas vezes você vai pelas pessoas, mas eu gosto muito daqui (escola), de todos os funcionários que tratam a gente muito bem e com muita educação. Eu gosto muito e meu menino está se desenvolvendo muito bem.

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM CAROL

1. Por que você matriculou a criança em uma escola?

Eu matriculei ela...eu trabalho no período da manhã né, eu dou aula no período da manhã, então eu matriculei ela para ela ter o aprendizado também, que também é bem legal nessa faixa etária e a interação com os amiguinhos, porque ela sozinha de criança em casa, tem contato com os primos tudo, mas não é todo dia e ela ama a escola, ela ama a turminha dela, ela é louca assim. As vezes fica a tarde também, porque eu saio da escola meio dia, aí eu vinha pegar ela, mas como ela estava dormindo, é o horário do soninho, ela ficava muito sonolenta, aí normalmente eu deixo ela terminar esse horário do soninho, que eles acordam, aí normalmente eu busco, quando eu preciso fazer alguma coisa no outro período, eu deixo ela mais também, não tem nenhum problema. Mas assim, o período que é essencial assim, que ela frequenta mesmo é o período da manhã, mas ela também fica a tarde, às vezes. **Você dá aula em qual escola?** Eu dou aula aqui no bairro mesmo, é vizinho, mas tá reformando lá a CMEI, então tá aqui, mas dou aula na escola ao lado, que é do município mesmo.

2. Quais características foram mais importantes para a escolha da escola no momento da matrícula? Você visitou outras escolas?

Olha, sinceramente a proximidade né, que pra mim é cômodo que eu também moro próximo ao bairro, é, dou aula ao lado e a escola é pertinho também. Então pra mim é bem cômodo assim, em relação a proximidade, mas eu também sou bastante satisfeita assim com o trabalho da escola. Já trabalhei também no CMEI anteriormente, assim, conheço tudo, então nem cheguei a pensar em outra possibilidade não. Pra mim, é ok assim.

3. A pandemia influenciou sua escolha?

Letícia - Não, não influenciou não. Pra mim permaneceu a mesma questão.

4. Suas experiências e/ou sua vida escolar influenciaram sua escolha?

Assim, enquanto mãe a gente sempre quer o melhor pro filho da gente, né. É, mas eu confio no trabalho da rede, por ser professora da rede eu sei que o pessoa, assim, é comprometido, tem material, tudo... Então é, por enquanto... Qual era

mesmo a pergunta? Influenciou sim porque eu conheço o trabalho na rede e sei que o que é trabalhado, o que tem, então...

5. Outras pessoas influenciaram sua escolha? Quem influenciou sua escolha e por quê?

Não, eu mesma. Essa é a minha, meu marido também tudo bem, então é nosso lá de casa né.

6. Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?

Olha, eu acho que pra eu trocar ela, só se tivesse alguma mudança assim, na minha vida, na minha rotina. Se eu trocasse de escola, fosse trabalhar em outra coisa, mas eu não tenho essa pretensão assim, por ora. Então por ora, não, não trocaria. ela de escola se tivesse opção, só se mudasse alguma coisa na rotina mesmo, da gente.

7. O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz?

Que a escola fizesse que não faz... assim, eu sou bem satisfeita com o papel da escola, eu tenho, tem pais que buscam mais um assistencialismo né, perante a escola, eu já não tenho essa visão. O meu objetivo mesmo em trazer ela pra escola é que ela tenha interação social com os amiguinhos, que ela brinque e tal, que tenha esse convívio que ela tem muito, ela adora e as atividades também, o que também é realizado porque a gente conversa muito, ela chega em casa, ontem mesmo, peguei ela e ah, ta tudo bem, ela ta tudo bem, o que você fez, cê fez atividade? Não hoje eu fiz. O que você fez? A tia contou a história dos três porquinhos. E ela me conta a história, então a gente conversa muito sobre tudo que acontece na escola. E ela sempre fala, - não, hoje eu não fiz atividade, ai ela fala, hoje eu não fiz atividade, só brinquei, mas você brincou de quê? Aí ela fala, ah, eu brinquei das cores, não sei o quê. Então aí a atividade foi escondida dentro da brincadeira, então eu tenho essa consciência e assim, eu sou super satisfeita assim. Não tenho nenhuma pretensão, pra mim, é a escola enquanto isso, não tenho tipo, ou em casa, a gente toma banho em casa, é alimentação eu não tenho essa pretensão da escola. Às vezes as pessoas reclamam, perguntam pra mim o papel, objetivo meu enquanto escola é esse, é interação com os amigos e o ensino mesmo. E ela super, a escola super atende.

8. Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar? Por quais motivos?

Se eu fosse abrir uma escola hoje...eu acho que a escola tem que ser em primeiro lugar acolhedora, porque as crianças não escolhem estar na escola. A gente coloca eles lá e eles tem que ficar. Então a escola sempre, eu enquanto professora, também é o que eu busco para os meus alunos e é o que eu gostaria que a minha filha tivesse. É, a escola tem sim que ter o carinho, que acolher os alunos, assim, acho que o aluno tem que gostar da escola, né. Tem que ser um ambiente agradável pra eles e tal. E também assim, tudo faz parte. Precisa ter alimentação porque eles ficam uma carga horária, precisa ter o ensino, que faz parte também, eu acredito que em todas as idades, em todas as idades tem o ensino, cada qual na sua idade. E é isso, assim, tem que ter o acolhimento, o ensino e a rotina, é importante, as regras, eu acho muito importante pra eles terem essa disciplina e tal. Música, eu acho muito importante, principalmente na educação infantil. É o acolhimento., em geral a criança. Que é que nem a Luisa, ela gosta da escola, ela nunca me deu trabalho para vir para a escola. Ela vem assim, tipo ela é bem espertinha, ela pergunta hoje é sexta, é sábado, hoje não tem aula. Ah a gente, na segunda a gente volta, então ela é bem esclarecida assim,sabe.

9. Quais são as suas expectativas sobre o que é ensinado à sua criança?

Oh, dentro da faixa etária dela é o que acontece mesmo, é tem historinhas, tem as brincadeiras, dentro das brincadeiras tem os conteúdos, que são cores, os números, as letrinhas, também acho que tudo isso faz parte. É apesar que nessa idade, é muito o sócio, o interativo, assim, mas também tem as letrinhas, os números, já, as cores, tudo já é passado, já é ensinado, e é isso aí. **É o que você espera?** Sim, também, eu acho. É essencial esse preparo né, para eles irem, no caso ela está no maternal II, ano que vem já é a salinha de aula, recreação, aí muda um pouquinho a rotina mais né, e essa preparação eu acho assim, que mesmo nessa idade, tem que ter, até porque assim, a minha experiência com a Luisa, a Luisa gosta, ela gosta de aprender, ela pergunta a letrinha de todo mundo, assim, então eu acho que é essencial sim, mesmo os pequenininhos já terem esse contato.

10.O que você entende que não pode faltar para o desenvolvimento saudável de uma criança?

Desenvolvimento saudável em relação ao físico? É todo um contexto né. Primeiramente um ambiente acolhedor, as pessoas gostarem do que faz, estarem

presente, tipo uma boa alimentação, um lugar limpinho, é isso, eu acho, tendo um espaço físico legal, sendo pessoas acolhedoras, comprometidas. acho que é o que a criança precisa dentro da escola para tá.

11. A seu ver, qual é o papel da família no desenvolvimento da criança?

Eu acho muito importante. Muito mesmo, por que na verdade é a família que tem o papel de tudo perante a criança. Por mais que falem, não a criança está na escola, a criança é responsabilidade da escola. A escola tem sim o papel de educar, tudo dentro daquele momento que está com eles, mas eu ainda concordo que a educação vem de casa. Os princípios vêm de casa. A criança é o reflexo da casa. Então eu acho que o papel da família é essencial. A escola ela vai, eu acredito, que tem sim que complementar naquele período em que a criança está lá, mas quem tem o papel essencial assim, na educação, em todos os aspectos da criança pra mim é a família ainda.

12. O que você entende que são bons estímulos para uma criança?

Assim, criança gosta de tudo que é divertido, de tudo que é colorido, é de tudo que chama a atenção né. Para criança... criança quer brincar, então é importante assim, que esteja tudo de uma forma acolhedora, porque ai eles vão aprender brincando e tá tudo certo. Crianças, se você colocar a criança sentada, não você vai escrever seu nome, você vai fazer atividade todo dia, eles não vão ter interesse né. Então eu acho que sim, tem que ser lúdico, tem que ser legal, tudo para que chame a atenção deles e eles queiram.

13. Como é a relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam?

Então, a gente tem o grupo de Whatsapp né, que ela é bem aberta assim, se precisar de alguma coisa, chamar, tal... ou se tem alguma também, ela fala. A gente tem uma relação legal assim e se tem alguma coisa a mais, mais importante também ai... assim, minha filha começou a usar óculos essa semana. Eu mandei mensagem pra ela, avisando e explicando tal, ela falou não tá legal, qualquer coisa eu te falo. Então a gente tem uma relação legal assim. Eu gosto dela.

14. Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?

Ah, quando tem a necessidade em si. Relação mãe-direção. Eu nunca precisei, tipo, eu tenho boa relação com a professora também... Se tem alguma coisa que precise em relação a Luiza eu converso com a professora. Nunca precisei de ter algum contato com a direção assim, nesse sentido. O contato com a direção maior é em reunião, que nem precisava de uma mãe para a entrevista e ela me perguntou se eu podia vir e eu vim, assim.... Então é um contato mãe da Luiza-direção tranquilo também.

15. O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?

Ah, eu sou suspeita porque eu gosto muito de participar. Eu... teve festa junina, dia das mães, tudo eu participei. A Katia é bem, ela festeira assim, ela é bem caprichosa com as coisas, então... acontece legal. Eu gosto de participar, eu gosto de ver minha filha e ela gosta de fazer também, então eu gosto quando acontece evento, eu gosto de vir, faço o possível, assim, nem consigo faltar, porque ela fica bem ansiosa quando está ensaiando alguma coisa. Ela fala "Mãe oh, é o café da mamães. Oh, tá chegando a minha festa junina." Minha filha cobra isso. Que ela participa né, interage, ela me cobra e eu também gosto, então é legal. O que tem eu participo sim. Tem reunião. Já teve algumas durante esse ano. Eu vim, acho que a duas ou três que já teve esse ano. Eu participei assim. Bem objetivo, nada de enrolação mesmo. Dai tem a parte com a gestora, que ela passa os recados da unidade e depois a gente tem a oportunidade de está conversando com a professora pra tá conversando sobre a criança mesmo né. Ai cada mãe vai perguntar o que precisa, o que tipo, o que tem interesse. Ela mostrou as atividades na última reunião. Elas apresentaram o material assim, é bem legal, é bem tranquilo. É objetivo né, nada de mais assim.

16. As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?

Sim, sem dúvida contribui sim. É um tempo né, é um espaço que a gente tem. Assim, a gente já tem o contato hoje em dia com o Whatsapp. Que nem eu, na minha vida profissional a gente nem é obrigada a montar o grupo de Whatsapp, mas eu preferi montar, porque é um contato mais instantâneo com os pais. A gente precisa

assim, porque de algum contato, a gente tem mais rápido, mas reunião é sim um momento legal porque a gente tem espaço. Por exemplo, eu posso ler as atividades que a minha filha está fazendo. Eu posso saber se posso ajudar em alguma coisa, com o que compete a escola assim, então eu acho importante sim. Vou falar enquanto minha experiência com o bairro aqui. O bairro é um bairro de pessoas assim, tem bastante gente que talvez seja mais carente assim, então igual no caso do café da manhã ou alguma coisa assim, o pessoal costuma dar uma interessada mais. Mas assim, tem uma boa participação. Eu vejo que sim, de uma forma geral. Mas sempre quando tem algum evento os pais se esforçam para vir. Não são todos. Tem os que não ligam. Mas quando tem alguma apresentação específica da criança ou quando tem um café da manhã, um café da tarde, alguma coisa assim, nota-se uma participação maior, sei lá. Eu costumo participar sempre. Não tenho nenhum... como eu disse, eu gosto então.... então o que tem eu participo.

17. Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal?

Na minha rotina de mãe... eu não sou a pessoa mais vaidosa do mundo, eu não tenho muito isso e eu gosto muito de cuidar da Luiza entendeu. Então assim, eu tenho, eu tenho tempo só que nem sempre isso é prioridade pra mim, entendeu. As vezes eu me sinto melhor comprando alguma coisa pra ela. Cuidando dela. Indo a um passeio que satisfaça a ela, eu também estou me divertindo. Até porque isso é da minha rotina profissional, como mãe... então eu me sinto bem, às vezes, se a gente vai ver alguma coisa pra mim, vê pra ela. É muito junto, eu e a Luiza somos muito próximas assim, é que nem eu trabalho só de manhã, a gente tem a tarde pra gente assim, ai a noite meu marido também está em casa, ai a gente tem os nossos momentos, apesar de eu ter esse tempo pra mim, o bom pra mim é também sendo bom pra ela. Eu me divirto se eu levar ela no parquinho, isso também é uma diversão pra mim, porque eu gosto. Eu gosto desse ambiente. É isso. Mas eu tenho tempo sim, tenho condições tudo, se eu quero, eu tenho. É questão de prioridade vamos dizer assim. De se sentir bem e tal. É isso aí.

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM EMMA

1. Por que você matriculou a criança em uma escola?

Então, eu tenho assim pra mim, eu sou professora de educação infantil, então a gente percebe quando está trabalhando que as crianças que frequentam a educação infantil e não vai direto pra escola, tem um desenvolvimento melhor, né, nas sérias... Primeiro, segundo e terceiro ano, tem um desenvolvimento maior. Então assim, ele desde os 8 meses que ele está na escola, na escolinha de educação infantil, então eu acho que pelo desenvolvimento mesmo da própria criança, eu acho que compensa muito. Vale a pena.

2. Quais características foram mais importantes para a escolha da escola no momento da matrícula? Você visitou outras escolas?

Sim, eu praticamente passei por quase todas né. Porque quando eu não era efetiva, a gente Escola, mas de um modo geral, a educação infantil. Aqui eu vejo que. Que é bastante, é competente, sabe? É tudo o que é proposto, a gente. Vê que a escola faz de tudo para conseguir realizar aí educação infantil, hoje, no meu ver. É para os meus filhos, porque eu não tenho só ele. É de grande valia.

3. A pandemia influenciou sua escolha?

Olha essa escola ela tava em construção né, ela foi inaugurada em outubro passado, mas assim, a gente percebe, meu filho mesmo ele tá com um déficit muito grande porque a pandemia prejudicou né, ele ficou quase dois anos em casa. Então ele não teve assim, teve as aulas online, mas não é a mesma coisa, a gente sabe. E aí eu acho que prejudicou, prejudicou muito.

4. Suas experiências e/ou sua vida escolar influenciaram sua escolha?

Na minha época de escola, educação infantil mesmo a gente já ia pra pré-escola né, não tinha essa educação infantil, não existia, na minha época né. É, a gente já ia pra pré-escola, seguido já era o primeiro ano, então eu não tive essa fase. Eu acho que se eu tivesse tido isso, seria melhor. Para nós, para todo mundo, porque é muito importante essa fase, no meu ver é muito importante. Hoje uma criança, na recreação mesmo que meu filho tá, ele sai conhecendo todas as letras, todos os números, e assim, escrevendo o nome. Já é uma fase, já é uma coisa muito

importante, já chega lá na escola sabendo isso. Então eu acho que é de grande valia sim., mas eu não tive, infelizmente.

5. Outras pessoas influenciaram sua escolha? Quem influenciou sua escolha e por quê?

Olha se eu te falar que tive influências para colocá-lo, não, eu não tive. Porque a minha família é muito super protetora, ah tá muito novinho, tá muito bebê, tá muito não sei o quê, mas eu ali conhecendo um pouquinho sobre, eu coloquei sabe. Eles todos, os meus filhos, eu tenho 4, começou bem novinho na escola. Mas não foi porque alguém me influenciou não, por que eu mesma acho importante e bati o pé e disse que ia colocar, porque se fosse por tia, avó, você não colocava. Influência sobre a escola, não, porque ele estava na Dom José de Matos, que é lá no Nogueira, e aí a gente pegou a casinha aqui, aonde a gente fez a transferência. Porque é perto, justamente a distância que ajudou muito na escolha.

6. Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?

Não, aqui é muito bom.

7. O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz?

O que a escola poderia estar fazendo para melhorar mais... eu acho assim precisava ter assim, é, mais convívio família-escola e escola-família, promover alguma coisa, é mais eventos ou pra fazer com que a família participasse mais, porque eu sinto falta disso aqui. São bem participativos, mas...são bem participativos mas é como se diz,eu acho isso. Eles até participam, integram e tudo, mas se você programasse algo assim, com o seu filho na escola, uma coisa mais assim, pai e filho e escola, eu acho que seria bacana.

8. Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar? Por quais motivos?

Se eu fosse abrir uma escola? Meu sonho isso! Então eu acho que não poderia faltar essa interação. Porque eu sempre prezo por isso. Pai, família e escola eu acho muito importante. Muito importante porque se fazer tudo em conjunto é bem melhor né, fica mais fácil.

9. Quais são as suas expectativas sobre o que é ensinado à sua criança?

Olha, a minha expectativa é sempre a melhor né. Acho que de todo mundo. Espero que ele pegue gosto pelo estudo, que ele consiga realizar o que é proposto eu acho que mais ou menos por aí.

10. O que você entende que não pode faltar para o desenvolvimento saudável de uma criança?

Saudável.... que não pode faltar... acho que é isso que aqui não falta sabe, nessa escola, mas assim é um ambiente favorável né, seria limpeza, alimentação, saúde, porque tudo isso promove a saúde e o bom desenvolvimento da criança né socialização acho que vai por aí.

11. A seu ver, qual é o papel da família no desenvolvimento da criança?

Então eu acho que eu sempre prezo isso né, família tem que estar sempre por dentro né, do que tá passando aqui na escola, vindo conversar ver se tá tudo bem, é tando... ajudando a professora no caso né, porque não é só a professora né, família é educação, professora é aprendizagem né, a gente tem que separar um pouquinho isso aí. Eu acho que é nessa parte tá sempre ligados um ao outro.

12. O que você entende que são bons estímulos para uma criança?

Estímulo você fala em que parte? Do estudo? Então começa em casa né. Eu acho que você tem que ter em casa é, boa convivência né, ensinando o caminho que tem que seguir aí, eu acho que na escola também, é entender, conversar, saber dialogar com a criança né. Eu acho que isso aí é um estímulo que é necessário desde bebezinho.

13. Como é a relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam?

A professora do meu filho, ela tem...ele tem o P1 que é a Natalia de manhã e tem a do período contrário que é a Andreia. São duas profissionais excelentes sabe, a gente conversa muito, não sei...não sei se porque eu estou aqui [trabalha na escola], mas...tá tudo que precisa a gente troca ideia, a gente conversa. A frequência não é muita porque meu período é diferente sabe, do dela. Mas assim o que ela

precisa, ela me avisa e tem agendinha do aluno que vai e volta, bem comunicação mesmo.

14. Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?

A gente conversa abertamente sobre tudo que precisa com as crianças sabe, no caso com meu filho é super isso mesmo, eu não interfere no que ela faz com ele e ela não...é um aluno normal e aqui é assim que funciona sabe. Ela é super aberta, ela te entende, te explica e troca isso aí. Teve sim, inclusive foi o dia que a professora até mandou ele pra pensar na sala dela, porque deu trabalho na aula de educação física. Aí ela me chamou, a gente conversou, resolveu da melhor maneira e é assim que funciona. Aqui é assim, ela é super aberta mesmo pra ajudar.

15. O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?

As reuniões são bimestrais. São cada 2 meses que a gente é convocado para está na reunião. E fora essas reuniões, o momento que você precisa falar com a professora, Você pode marcar. o período que ela tá mais livre ela te atende, a professora atende. E eu acho bacana isso ai, porque no momento em que você não pode estar na reunião, mas você pode estar marcando para vir falar com ela. Então você não tem desculpa pra falar que você não está interagindo né. E e é isso.... agora a questão é aquela que eu bato na tecla promover mais momentos. Temos alguns sábados culturais, só que não é, não são todos. O último que teve... igual o mês que tem data comemorativa sabe.... a gente faz um sábado cultural daquela data comemorativa, convida a família e tal, tal, tal. O último que teve foi a festa junina né, foi bem bacana, bem movimento, tudo... agora acho que o próximo é a festa da primavera. Que é em setembro. Acho que dois em dois meses a frequência. Como a cmei é novo, estamos aprendendo a lidar com o que vai ser... mas assim, tudo que é proposto, tudo que é convocado eles ajudam bem, vem bastante os pais... aqui eles são bem bacanas. Só que eu acho que ainda pode ser feito mais alguma coisa, que possa ser interessante sabe... para eles estar mais dentro da escola. Mas é bem bacana quando tem, é bem recebido.

16.As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?

Aqui tem reuniões e programações né. Eu sinto que ainda falta um pouco na parte da programação mais um mais junto, mas é quando tem reunião super esclarecedor é, é bacana, é a diretora é aperta a gente acaba a reunião tem aquele momento que a diretora com a professora é super bacana.

17.Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal?

Nossa, pra você ver, eu tenho uma de 15, uma de 12, uma de 7 anos e de 5, então é quando eu chego do trabalho...vixi...tem que rebolar para dar conta de tudo né, mas é a gente tem que achar tempo sim né, precisa achar um espaço para gente, precisa achar um tempo para gente se cuidar também porque senão você não aguenta, mas é complicado mas dá certo.

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM SERSI

1. Por que você matriculou a criança em uma escola?

Justamente por conta do aprendizado, acho que isso é assim, eu não conseguiria suprir em casa às necessidades que ela tem de dividir, as necessidades que ela tem de convívio com outras crianças, por mais que assim, durante o primeiro e o segundo ano pandêmico, não teve escola, então eu tive que rebolar pra eu conseguir suprir essa falta, essa deficiência que eu sei que as crianças vão carregar. Então assim, por exemplo, sempre lia, sempre gostei muito de estímulo, sempre...então assim é uma coisa que eu acho que a escola, por si só, já tem essa base. Os professores já são treinados para isso. Então assim, a minha necessidade entre diversas, eu preciso trabalhar, meu marido trabalha, só que a questão principal é a necessidade dela de conviver com outras pessoas, com outras crianças, essa questão de dividir, essa questão de estímulos mesmo sabe, que eles precisam na primeira infância.

2. Quais características foram mais importantes para a escolha da escola no momento da matrícula? Você visitou outras escolas?

Justamente porque é próximo, tanto é que saiu uma vaga pra mim em outra escola e eu não quis. Outra escola que também é muito renomada aqui, Barretos, a questão foi, é porque é próximo. Hoje o meu arrependimento é zero, porque... a gente tem que, eu tenho que usar principalmente de sinceridade. Como não tinha escola, não tinha nada e eu precisava trabalhar, meu marido também, nós não temos ninguém para poder ajudar, eu não tenho mãe, meu marido, minha sogra é muito idosa, então assim, o que, que eu tive que fazer...pagar uma escola particular, sem ter condições, tipo assim, é muito caro, é muito caro...hoje minha filha esta na escola municipal, uma escola pública, eu vejo que o tratamento dela, o desenvolvimento, que o embasamento que a escola pública dá para os pais e para as crianças, eu não encontrei em um ano que paguei no particular. Então assim, hoje, a escola pública pra mim de Barretos, tem muito mais qualidade que a particular que eu tive condições de pagar, vamos dizer assim. Então eu sou suspeita para falar.

3. A pandemia influenciou sua escolha?

Não, acho que não. Porque já iria vir pra cá desde que nasceu.

4. Suas experiências e/ou sua vida escolar influenciaram sua escolha?

Sim, minha mãe é da rede municipal e pelas experiências dela. De como nós somos muito próximos, da minha irmã, então assim, dividiu muito comigo as experiências dela na rede municipal. Então assim, eu sempre fui apaixonada pela profissão, não tenho dom, odeio, tipo...eu amo minha filha, mas aqueles 15, 20 crianças gritando na minha cabeça, não... uma só ta perfeito. Nossa senhora, não tenho, então assim, acho lindo, pros outros, mas eu não exerceria. Entendeu, então assim, hoje a minha, o que influenciou foi realmente o fato de conhecer a rede, de eu saber bem a fundo como que era o funcionamento da rede.

5. Outras pessoas influenciaram sua escolha? Quem influenciou sua escolha e por quê?

Meu marido, vamos dizer assim, como nós três né. Eu, ele e minha menina, então assim, ele tem que dar o ponto de vista dele também. Tanto que quando saiu a vaga dele em outra escola boa daqui de Barretos também, municipal, municipal não, filantrópica, outra escola filantrópica daqui de Barretos, ele que decidiu por não colocar lá. Ai ele que falou, não, vai ficar aqui. Então assim, e hoje, eu, eu agradeço o ponto de vista dele.

6. Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?

Não, não troco. Ela se adaptou muito bem.

7. O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz?

Eu acho que é falta de informação da minha parte, porque eu sei que o cardápio tá ali e é só eu perder um minuto e ir lá olhar entendeu, então assim, hoje, hoje eu acho que a escola municipal está completa. A escola municipal de Barretos, eu acho que tem um bom feedback. Por exemplo, se eu pergunto pras professoras, as professoras me respondem, elas não vão ficar falando todo dia, ó mãe, ela comeu, ó mãe ela fez xixi, ó mãe ela fez coco, não é responsabilidade delas. Então eu acho que hoje, o feedback que a escola me dá é perfeito. Está dentro das minhas expectativas, vamos dizer assim

8. Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar? Por quais motivos?

Brinquedos estimulantes, eu sou apaixonada em brinquedos. Então eu acho que é o que eles vão levar. Eu chego a ficar emocionada, porque foi difícil. Eu aprender, o que eu tinha que fazer com a minha filha. Então assim, eu acho que o estímulo é a base de tudo. Sem tela, minha filha não tinha tela, sem... então hoje que não poderia faltar... estímulos saudáveis, vamos dizer assim e refeição, uma refeição balanceada. Por que acho que é a base, a base até os 6 anos, eu acho que é o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento neurológico, é onde eles realmente vão levar...se eles tem uma boa base, é o que eles vão levar, tipo até os 20, até pra vida deles, é até os 6 anos que a gente vai formar o caráter da criança, até os 6 anos a gente vai formar a base de tudo da criança até os 6 anos, entendeu? Então, por isso que não poderia hoje pra mim faltar.

9. Quais são as suas expectativas sobre o que é ensinado à sua criança?

Eu espero o que já vem acontecendo. Ela chega em casa todo dia com uma música diferente, eu não conheço a música, e vou lá pesquisar que música que é. Ela já chega falando...Mamãe eu fiz um círculo, aí a tia falou que ela fez, que estão aprendendo as formas geométricas, então assim, o circo de massinha, eu acho que ela falou o retângulo, então assim...a minha expectativa é o que já vem acontecendo, cada dia ela chega com uma coisinha diferente em casa, seja uma palavra, ela esses dias chegou em casa falando horango tango, ela chegou falando... um horango tango....eu nunca falei essa palavra pra ela em casa, aí eu perguntei...filha mas o que que é o horango tango? É a historinha que a tia contou, então assim, eu... a minha expectativa é o que já vem acontecendo. Cada dia uma coisinha nova, ela aprende. Então é assim. é basicamente isso.

10. O que você entende que não pode faltar para o desenvolvimento saudável de uma criança?

Eu vou citar um exemplo para ficar, por exemplo, eu e meu marido, a gente não discute na frente da minha filha. Se viu muito em dois anos e seis meses, foi uma discussão e não de bater boca, não de... de nada assim, divergência de opinião, mas assim, foi uma vez e nunca mais. Hoje se a gente tem que discutir qualquer coisa que seja, qualquer coisa, seja, desde uma reforma de casa até onde ela vai ficar, até o

que vai acontecer com ela, de tudo, uma compra de carro, de moto... enfim, longe dela Porque, porque ela não tem que participar de uma vida adulta, ela não tem que saber das dificuldades que a gente enfrenta. Ela vai saber, vai.... quando tiver descobrir. Então esse é o meu ponto de vista, tipo assim, a gente... o principal pra mim é uma boa base familiar, então eu não tive, meu marido não teve, e não ele... não temos boas recordações, então não é isso que a gente quer passar pra ela. A gente quer uma base.

11. A seu ver, qual é o papel da família no desenvolvimento da criança?

Ah, por exemplo, eu sou muito daquela criação neurocompatível né, então assim, vamos colocar 50%, 50 não, 80% do desenvolvimento dela na escola deve vir de casa. Colocar bem mais do que a metade, é eu que tenho que proporcionar, eu que tenho que acordar todo dia ela falando que eu amo ela, pra que? pra ela se sentir amada, para ela chegar na escola para retornar esse amor para a professora, pra retornar esse amor pros amiguinhos, entendeu. Então eu acho que, que a base é isso.

12. O que você entende que são bons estímulos para uma criança?

Inúmeros...por exemplo, todo final de semana eu, eu ocupo o tempo dela. Levo ela no parquinho, levo ela... ela tem outras atividades extracurriculares, ela faz, faz natação desde os 9 meses, com 3 anos já pretendo colocar ela no balé, colocar ela no balé, então assim, a minha preocupação é sempre não deixar ela parada. Não sei se isso é certo...até...essa questão eu sigo por mim. Por que eu quero ocupar o tempo dela. Eu quero que ela tenha uma rotina, tipo...uma rotina mesmo sabe. Então assim, final de semana ela não fica parada. Tanto que nesse feriado agora...acho que na sexta eu fiquei com ela, foi quinta o feriado, eu fiquei quinta, sexta, sábado e domingo com ela. Chegou na sexta feira ela falou, mamãe eu quero ficar em casa... porque assim, tipo assim, eu ocupo muito o tempo dela com essas coisas... brincando, eu levo ela pra fazer piquenique, tem o parque de peão que tem animais, eu levo ela pra ver os animais. Então assim, eu ocupo muito o tempo dela. Os estímulos que eu uso, são esses.

13. Como é a relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam?

Eu converso mais de manhã, com a professora da manhã. E é bom, eu nunca tive problema, ela sempre me deixou muito a vontade. Eu nunca tive problema aqui não. Se tiver também, ela vai me falar ou eu vou falar, vai ser uma troca.

14. Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?

Tem, todo dia de manhã ela fica ali, na porta. Ela cumprimenta todos os pais. E eu tenho o hábito, meu, que a gente se reuni com algumas mães, eu sempre trago, agora por exemplo, eu acabei de deixar um bolo para as meninas tomarem um café, como eu cheguei um pouco mais cedo em casa, eu aproveitei fiz um bolo, trouxe um bolo quentinho, eu faço café da manhã para as meninas, eu e outras mães a gente se reuni. Então assim, é um relacionamento bom o meu e da Mariana, no caso.

15. O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?

Nunca teve aqui, porque é o primeiro ano funcionando, segundo a Mariana (diretora) vai acontecer em setembro, o dia da família, mas eu acho que poderia ter mais mais. Trazer a família mais para comunidade, trazer a família para participar mais, é... por exemplo, fazer um piquenique... uma escola aqui em Barretos, que é particular, ela tem, acho que de três em três meses, a família vai até a escola, o pai e a mãe, só, porque não comporta. A família mesmo leva, por exemplo, um lanchinho, uma bolacha, uma coalhada, e comem ali a família. Aí os filhos brincam, os filhos mostram os amiguinhos... então às vezes, o que eu acho é que pode haver mais seria mais essa interação, família e escola. Ser de três em três meses. por exemplo, a minha menina adora mostrar os amiguinhos, eu chego aqui na escola e ela fica falando, mamãe, olha a Lolo, mamãe vou brincar com a Agata, então assim, ela, eu acho que a criança sente falta de mostrar pros pais também os amigos, da mesma forma que ela adora mostrar pros amigos dela, eu. Quando eu chego ela grita, ó minha mãe, ó minha mãe, então é essa necessidade que a criança tem.

16. As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?

Eu acho que não. Vixe só se trazer a força. rs. Não, não é da escola, eu falo das famílias, as famílias, às vezes...por exemplo, as reuniões são 7h da manhã, tem mãe que entra 7h30, vem fica 10min e vai embora. Mas não é assim... eu entendo, a necessidade dela, a gente precisa trabalhar. Não é todo mundo que tem uma flexibilidade de horário, enfim... mas assim, é difícil... eu me coloco no lugar do outro também, tá...mas assim... talvez um sábado, talvez se fizesse o dia da família no sábado, para as famílias poderem participar ou num horário de almoço, gente vamos estabelecer para vocês almoçarem um dia da semana, um dia a cada 3 meses com os filhos, vocês trazem os salgadinhos, coxinhas, risoles... alguma coisa, um dia de almoço mesmo dos pais, então são essas as coisas, assim, que eu acho que talvez poderia trazer, aproximar, os pais para participar um pouco mais. Não posso participar só da minha realidade, a minha é uma, a dos outros é outra, então....

17. Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal?

Rs. Agora tô conseguindo um pouco mais. Depois dos 2 anos dela que eu comecei a me olhar e falar assim, eu preciso, eu preciso até fazer a unha, olha o jeito que tá. Eu preciso fazer uma unha, eu preciso cortar meu cabelo, eu preciso fazer uma limpeza de pele, agora..há três meses atrás eu comecei a fazer um curso, então assim, voltei né, então assim, agora que eu tô conseguindo voltar a minha, vamos dizer, não a minha rotina, porque nunca mais vai ser a mesma, mas agora que eu tô conseguindo me cuidar um pouco mais. Principalmente o meu psicológico, porque precisa. Faço até terapia para tentar assimilar tudo isso.

Ao final concluiu - A escola é um todo né. Desde as meninas da limpeza até a diretora. Então eu acho assim, a pessoa chegou, não custa nada você..- bom dia... porque eu chego no meu serviço, é dali que eu tiro meu sustento, chego no meu serviço todos os dias, posso ter passado uma noite de cão, - Bom dia, tudo bem? Porque, porque eu preciso trabalhar. Ninguém levanta de manhã, já com o dia ganho. Teu dia vai acontecer decorrer das coisas, vão acontecendo e tal. Enfim, eu acho que às vezes, pode ser... não vou generalizar, eu não tô falando só daqui, estou falando de um contexto de pessoas mesmo. Ninguém levanta todo dia querendo ir trabalhar. Todo mundo levanta porque precisa trabalhar, a gente que é pobre né. Então assim, eu acho isso, sabe... às vezes isso pode ser modificado. Só que dai precisa de um pouco mais da parte psicológica das pessoas sabe, mas de resto assim, aqui é bem.. a escola em si

é boa, a rede Municipal. Sabe tem algumas mães ainda que eu converso, até aqui da escola, por exemplo, - há mas eu peguei a fulana lá e ela tava com caquinha de nariz, gente... são 15 crianças. Sabe eu sou muito tranquila, pego minha filha, se ela tá com caquinha de nariz eu limpo, se ela tá com o pé sujo, eu vou lavar...se ela tá com fome eu vou dar comida, por que, por que aqui não é essa intenção da escola. Intensão da escola é muito mais desenvolver a parte neurológica, a parte do desenvolvimento da criança, psiquico de tudo sabe, não lidar com caquinha de nariz, pé sujo, então eu, algumas questões relacionadas a isso eu não concordo.

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM JANE

1. Por que você matriculou a criança em uma escola?

Na verdade que assim, a história que vou te contar resumidamente. Porque o que o a XX não fala, eu acho que eu falo. O Enrico quando, eu tenho o Enrico que tem 4 anos, e tem a Helena que tem 5, os dois estudam aqui. Quando... os dois são uma diferença de idade bem pertinho, então assim quando eu tive ele, eu comecei a notar uma diferença bem grande entre ele e ela. Uma diferença no desenvolvimento tudo, mas tipo mãe de primeira viagem, até então não sabia o que poderia ser, o que seria. E comecei a observar e comecei a estudar, ler, ler, sabe, tudo que eu via sobre o desenvolvimento de criança, que era normal e o que não era. Aí comecei levar ele em médico, tudo, aí leve ele em médico aqui em Barretos, aí todos os médicos falavam, não, é normal... ele é muito pequenininho ainda, na época ele tava com um ano e três meses, ele não falava mamãe, não falava papai, não falava nada. Ele estudava num lar que na época eu trabalhava. Ele ficava o dia inteiro na escola, eu levava às 8h e buscava às 17h. Eu trabalhei 8 anos no Magazine Luiza, eu trabalhava lá, eu era gestora, então era bem difícil, que eu trabalhava lá de segunda a segunda, sábado, domingo e feriado. Aí ele ficava o dia todo lá e a escola nunca questionou nada, só que ele não falava mãe, não falava nada. Então eu achava que era alguma coisa assim, que tá na escola né, a gente pensa assim, tá na escola tá interagindo com outras crianças, ta desenvolvendo. Aí foi onde eu comecei a levar nas médicas, eu levei aqui em Barretos. Elas falaram não, vamos encaminhar pra fono, aí ele começou a fazer fono. E eu desconfiava dele ter TEA, que é o autismo, e só que eu não tinha certeza, porque eu não era médica, mas de mãe observar né. Aí na época na escolinha em que ele estudava, até fui lá sabe, eles falaram não, tipo tá tudo bem, ele tá acompanhando os outros, as outras crianças pares iguais a ele, tá tudo normal, tira isso da sua cabeça. Aí beleza. Aí entrou a pandemia, ainda na escola também, lá é uma escola filantrópica que eles falam. É uma Fundação...era na verdade acho que uma casa Espírita, eles são espíritas, aí criaram essa e tem ajuda da prefeitura, aí eles pedem uma ajuda mensal, mas assim, não é forçado nada, cada um dá o que pode para manter a escolinha e a prefeitura parece que dá um valor também para ajudar. Lá é muito bom, é maravilhoso lá. Aí ele...aí começou a pandemia, aí ele tava fazendo a fono na época tudo bonitinho, aí levei ele aqui em Barretos num neuro aqui,

e aí ela encaminhou para psicóloga também, aí ele começou a fazer a psicóloga, começou a fazer um monte de intervenção. Só que ele não...tipo, melhorou a fala mas não melhorou 100%, aí foi onde eu descobri uma médica lá Ribeirão, chama Dra. Aline, aí eu fui lá, aí ele faz acompanhamento inclusive lá. Aí eu fui tudo, a gente começou a fazer as intervenções, aí cada seis meses eu fui voltando lá para ver como é que tava sendo o desenvolvimento dele e ele sem escola até então, porque já tinha começado a pandemia. Aí eu....e ele foi melhorando porque foi fazer as intervenções, aí ele essa médica ela falou vamos acompanhar, vamos ver quando voltar a escola, como vai ser em relação a interação social, tudo...aí voltou no passado, em agosto, que foi quando foi voltando aos pouquinho, voltava meio período, aí quando voltou já no meio período, aí eu já quis que ele voltasse porque assim, ele já tinha essa questão de saber se ele ia ter interação social ou não. Aí na época eu já tinha saído do trabalho, porque com essa questão dele toda, dele fazer essas intervenções eu tive que parar de trabalhar. Falei não, ele já vai voltar, ele voltou, aí... mas mesmo assim ele voltando eu vi que ele ainda, até as professoras, todo mundo falava que ele era mais na dele, aí foi indo, aí depois eu voltei lá de novo, aí a gente conseguiu fechar o diagnóstico pra TEA, pra autismo. E aí só que eles não estavam mais nessa escola aqui, era essa escola, só que como tava em reforma para inaugurar, ele estava em outra escolinha. E aí ele foi de agosto até dezembro, até acabar o ano. aí depois quando começou agora em Janeiro começou aqui, que a escola é nova né, aí tá os dois aqui, assim então, assim eles estudam por que eu acho importante assim, além de agora por ter 4 anos ser a parte obrigatória né, pelo Estado é obrigatório a criança está matriculada a partir de 4 anos, além disso eu acho importante a questão da interação social sabe, de assim, dele estar com os amiguinhos, essa fase é uma fase que eles aprendem o que eles estão vendo sabe, que tá ouvindo, então ele ver outro par da mesma idade brincar e querer fazer igual, que é uma coisa que o TEA tem muita dificuldade, então assim, pra ele ta sendo importante, mas para mim e meu esposo que a gente tem uma criança de inclusão dentro de casa, e por eu estudar e ver, hoje eu acho muito importante, meu marido também acha, é importante. Eu acho... ele fica assim, se tiver negócio de homeschool eu quero deixar ele estudar em casa, não agora, porque você ver que os pequenininhos tem essas questões de inclusão muito ativo, mas eu fico pensando no futuro entendeu, quando tiver maior, quando tiver lá pros 12, 13 anos, como que vai ser a questão da inclusão entendeu. Tem essa questão da diferença, das brincadeiras sabe, então a gente fica com medo,

mas eu acho a escola importante por conta disso sabe, por conta dessa interação, assim que tem, dessa convivência com outras crianças sabe, de aprender a respeitar, dividir, então por isso que eu acho muito importante. Aqui para ele assim ele tá super bem sabe, agora é um passo de cada vez, eu fico meio assim, aí quando ele crescer como que vai ser, entendeu, porque assim eu tenho as duas crianças, eu tenho uma de inclusão e tem uma criança... eu sou mãe atípica e típica ao mesmo tempo entendeu, mesmo tempo que ela consegue tipo ir e ele, aí tem um pezinho atrás ainda. Os dois... a relação dos dois ela é uma menina... tem cinco aninhos, mas eu acho ela muito adulta... até eu converso com a psicóloga dele, e eu acho que ela amadureceu muito rápido, não sei se porque desde pequenininho quando ele ia para as intervenções ela ia junto comigo, então assim, ela... ela foi tendo isso e hoje ela, ela tem 5 anos, ela fala assim, mamãe meu irmão é autista, tem um menininho da minha sala que também é autista igual o Enrico sabe, não você vê que ela, ela... ela não entendi totalmente o que é o autismo, mas ela sabe que precisa de uma ajuda sabe, então acho bem legal isso, ela cuida muito dele, cê vê nossa... ela veio aqui ela falou, mamãe eu vi o Enrico lá no parquinho fui lá dei um beijo nele, um abraço nele, sabe, eu acho muito bonitinha, mas assim, que ela gosta muito daqui também. Esse ano é o último ano dela aqui. Ela gosta muito daqui sabe, cuida bastante dele.

2. Quais características foram mais importantes para a escolha da escola no momento da matrícula? Você visitou outras escolas?

Eu vou ser bem verdadeira, o primeiro ponto porque fica mais perto da minha casa, eu moro, tipo três quarteirão daqui, é bem próximo mesmo e o segundo ponto que é assim, quando ele tava no lar das crianças, que era essa escola filantrópica, depois começou a pandemia e ficaram sem ir para escola, e aí ele começou a fazer TO, aí na época até a gente teve uma entrevista lá, meu marido questionou, falou para TO o que que ela achava de escola particular, porque a gente até então já sabia que ele tinha o TEA e ele já tava maiorzinho né, já tinha ficado esses dois anos sem ir para escola da pandemia e a gente ficou assim.... e agora? vai voltar? vai para onde? aí eu que questi...a gente se questionou de uma escola particular, só que ela falou que todas as escolas particulares aqui de Barretos com criança atípica, aqui, ela teve problema. As crianças de inclusão, então aí a gente ficou meio assim, aí eu achei que não era importante também porque assim a prefeitura aqui é muito boa assim para escola, eu acho que todas as cidades né, até Prefeitura é muito bom, depois quando

vai para o Estado que acho que dá uma piorada. Aí eu falei, não, vou deixar na prefeitura mesmo, porque ele tem essa questão de ter uma cuidadora, então assim, na particular, eu acho que teria problema, porque tem aquela questão tipo, ai, é particular é o pai e a mãe que tem que arcar, entendeu, aí você vai ter que ficar brigando pelos seus direitos, que já são direitos, então aí gente não queria meio que isso. Aí a gente....abriu aqui, por ser perto da minha casa e por ser uma escola da prefeitura, que eu queria até então buscar a prefeitura, então mais ou menos isso. Mas também se eu tivesse tido algum problema aqui, eu teria saído sabe, porque assim, hoje eu busco muito os direitos dele sabe, eu sempre sou muito bem informada do que ele tem direito ou não entendeu. Aí eu já trago os dois. Mas assim, ano que vem ela já não vai estar aqui mais, aí eu vou ter que procurar outro. Se essa aqui não tiver inaugurado, porque eles vão fazer uma aqui em frente, aí eu vou ter que procurar outra.

3. A pandemia influenciou sua escolha?

Influenciou igual eu te falei, nessa questão assim, quando eles saíram da escola, por que começou a pandemia, aí quando eles teriam que voltar, eles já não estavam mais na escolinha lá, porque tinha passado a idade. Aí tava aí, a gente ficou se questionando, e aí agora onde a gente vai colocar? A gente chegou a pensar na escola particular, só que essa questão da escola particular pelo que a TO dele falou, a escola particular, não são todas tá, eu não conheço tá, nenhuma, tipo... mas acho que eles são mais assim, pra fazer inclusão...existe uma dificuldade de inclusão da escola particular pelo que eu escuto. Meu filho não chegou a estudar. Aí a gente optou pela prefeitura e por aqui perto de casa assim, aí a gente falou, vamos. E começaram agora em janeiro as aulas, então assim, 6 meses que eles estão aqui e tá tudo caminhando.

4. Suas experiências e/ou sua vida escolar influenciaram sua escolha?

Hum...acho que um pouco, acaba influenciando, assim, acho que eu por exemplo, eu vim de escola, sempre estudei em escola pública, sempre. Há na minha época, dizem né, que hoje em dia tá mudado, mas que na nossa época era diferente. Então eu sempre estudei, meu marido também sempre estudou em escola pública. Hoje por mais que às vezes a gente tem, tipo....antigamente minha mãe não tinha condições de pagar uma escola particular, nem a mãe do meu esposo então a gente

era uma...não tinha opção. Você tinha que estudar naquela escola, então acaba que a gente conhecendo a rede pública, a gente sabe que existe muitas prefeituras, muitos municípios, escolas estaduais que são boas, tão quanto escola particular e hoje, por na época a gente às vezes ter um pouco mais de condição de pensar em falar, vou colocar na particular, mas a gente acaba escolhendo a pública porque a gente já passou por ela e a gente sabe que também é boa. Então acho que por eu ter estudado em escola pública, meu esposo também, Aí a gente vê que tipo, tem profissionais maravilhosas, aí foi quando a gente optou, não, vamos deixar na pública mesmo, até porque eles são bem pequenininhos né.

5. Outras pessoas influenciaram sua escolha? Quem influenciou sua escolha e por quê?

Não. A gente sempre foi bem assim, a escola é...a única pessoa que a gente chegou a tirar alguma informação foi o que eu falei para você, foi a TO dele, que na época como ele iria voltar a gente ficou meio com medo de...A gente põe na particular ou na pública? Aí foi onde ela falou que achava que a prefeitura era muito melhor em relação a inclusão sabe, em relação a ele, que por exemplo, se fosse precisar da cuidadora, tudo... então a gente ouvir um pouco esse lado dela. A gente falou, ah...como ela trabalha com criança tudo né, de inclusão, ela sabe os problemas que a gente poderia ter, aí foi onde a gente também foi na dela e falou vamos deixar na prefeitura mesmo então.

6. Você trocaria a criança de escola se tivesse a opção? Por quais motivos?

Acho que não. Eu acho que eu só trocaria eles de escola se fosse alguma coisa bem tipo...relacionado a ele, eu acho que a questão de inclusão. Tipo de se mexer, se fosse alguma coisa em relação algum direito que ele teria e eu sou, eu sei que ele tem e eu ser questionada, tipo, é isso, como se eu não soubesse de nada e ela só se eu tivesse alguma coisa tipo bem grave mesmo, mas tirando isso acho que não. Ou em questão de aprendizagem também que a gente esquece um pouco. Eu estava até conversando com meu esposo hoje, a gente acaba esquecendo que eles são pequenininhos mas que ele também vem aqui para aprender, eles não vem aqui só pra passar tempo. Por exemplo, pois vai lá, eles são pequenininhos, só vão brincar, tudo bem eles tem que brincar, mas eles também tem que aprender. Se eu percebesse que por exemplo, ah, tá vindo aqui e não tá agregando nada, não tá

aprendendo nada, aí eu acho que me questionaria assim sabe. Vamos pensar em outro lugar.

7. O que você gostaria que a escola fizesse que ela não faz?

Ah, tá, isso eu acho importante. Até queria um dia conversar com a Mariana, todo mundo que eu penso, eu tô até querendo voltar a estudar umas coisas. Eu acho assim, que não só aqui, mas eu acho que todas as escolas independentes, se são municipais ou estaduais. Eu acho que eles precisam ser trabalhados mais um pouco das crianças de inclusão, que hoje eu acho que é muito pouco falado, não é porque que é pouco falado, por exemplo, não sei sua idade, mas na minha época, eu nunca cheguei a estudar com nenhuma criança de inclusão. Não tinha essa questão, não tinha isso, eles eram realmente excluídos ou ia para uma APAI ou a mãe não deixava estudar...que nem eles falavam, trancavam dentro de casa... a gente acabava não tendo essa convivência e hoje já não é assim né. Hoje é tipo muito mais aberto, hoje a gente tem que ser trabalhado isso. Então eu acho que falta aqui, por exemplo, no começo de ano, vamos fazer reunião dos pais, vamos. Porque não fazer uma reunião e também chamar os pais de crianças de inclusão entendeu, chama esses cuidadores para se aproximar mais dos pais sabe, eu sei que é difícil, tem muito pai às vezes eles fazem reunião e tem muito pai que não vem, mais fazer... ter uma outra forma de tentar trazer esses pais, não pais só pai de criança atípica, pai de criança típica também, igual eu sou. Tentar trazer eles mais para escola sabe, com alguma coisa, com alguma ação, com algum...aí, vamos ver o que, que o pai acha da gente fazer isso, tenta trazer eles mais para perto da escola, independente se eles são pequenininhos ou não, porque eu já acho isso importante começar dessa fase. Do pai e da mãe já se importar e sentir nessa fase. Então eu acho que um pouco disso sabe, que às vezes eu fico... eu sou meio entrona viu, às vezes eu chego na sala, oii, porque assim, sabe, eu gosto de... eu falo até pro meu marido, acho que vou ser aquelas mães chata, que fica lá toda hora, é. Que eu gosto de participar sabe, eu gosto de estar aqui, tipo, presente, de saber como ele tá, igual eu pergunto como foi hoje sabe, ele fez isso, deu trabalho, fez aquilo sabe, então eu acho importante essa comunicação. Eu acho que a comunicação entre os pais e os professores seja professor ou cuidador, seja pai de criança de inclusão ou não tem que ser bem próximo. Nessa reunião por exemplo, vamos fazer uma reunião de começo de ano, é...vamos também chamar as cuidadoras que vão ficar com essas crianças para

conversar com os pais, pra tipo assim, os pais conhecerem a fundo a cuidadora, ó, meu filho é assim, assim, assim. ó meu filho não é, sabe, trazer essa proximidade. Que eu sei que ainda é muito difícil porque assim é um processo lento que isso também é muito novo. É difícil para as professoras também, tem muito pequenininhos, tem criança né, mas eu acho que para mim, é o que eu mais sinto sabe, essa parte de mais de proximidade, tipo eu sou muito sabe, eu gosto de tá assim, acho às vezes tem a professora,mas eu sou sabe, eu gosto de entrar, de perguntar tá fazendo ou não tá sabe, tá tendo isso, tá tendo aquilo, tá conseguindo. Eu sou muito assim, eu acho que, eu acho que seria muito importante, eu acho que seria muito bom.

8. Se você fosse abrir uma escola, o que não poderia faltar? Por quais motivos?

Difícil hein...eu acho que assim, como eu tô aprendendo ainda muito, eu acho se hoje eu abrisse uma escola o que não poderia faltar seria uma educação respeitosa. Eu tô ainda aprendendo a isso sabe, eu acho que hoje a gente tem muito, a gente quer por muita regra em criança tipo, a gente cobra demais, a gente quer obrigar a criança fazer isso, lógico tudo, todo mundo que é criança tem que ter, mas eu acho que... que o local que uma criança tá, seja meu filho ou não, ele precisa ser respeitado, então eu prezo muito tipo, educação respeitosa. Eu acho que tinha que ser um ambiente que preza amor, que preza carinho, não castigo, não regras, porque não é um...eles não são um exército entendeu, eles são crianças, eles têm direito de chorar, igual eu falo, quer chorar? Tudo bem, pode chorar, não tem problema. Tipo, não, para de chorar! Não, tá tudo bem, eu sei que você está irritado, pode chorar, eu estou aqui sabe. Então eu acho que tinha que ser para mim, teria que ser se um dia eu montasse, teria que ser assim. Tinha, teria que ter o respeito e entender que eles são crianças que não é um exército que você vai ficar sentado aí e pronto acabou. Não pode chorar... porque não pode chorar? A gente quando tá triste chora porque eles não podem chorar? entendeu. Então eu acho que para mim se eu abrisse uma escola eu ia priorizar isso saber. Ia ser fundamental. Eu tô aprendendo muito, porque assim, quando a gente vira mãe, não sei se você é mãe, a gente fica com aquela coisa assim, a gente vem dessa criação...não sei você, eu graças a Deus não fui muito de apanhar, mas a gente tinha muito mais regra, igual a gente falava, era muito mais... aí gente acabava tendo medo, não, a gente não tinha respeito. A gente ama tudo, pai e mãe é tudo na vida da gente, mas a gente acabava que ficava com um pouco de

medo. A gente tinha aquela coisa, eu não posso falar, o que eu quero. Igual, vou te dar um exemplo, teve festa junina aqui semana passada, retrasada eu acho. E a minha menina tem 5 anos, ela não quis... eu estou falando demais né, eu vou acabar com sua (rs)... ela não queria vir na festa junina e eu conversei com ela, porque você quer, - a mãe, estou com vergonha todo mundo vai ficar me olhando. Eu falei não tem problema, eu falei assim, deixa te olhar, tá tudo bem. -Ah, eu não quero, tenho vergonha. Ela tá na fase de tô com vergonha, sabe. Tá bom, não quer, eu falei vamos lá ver o vestido, você não quer ver o vestido, vamos ver, se eu mostrar o vestido às vezes ela né, ela gosta. Ó a bota, ó isso, tal, tal tal...mamãe fica com você lá. Mas ela não quis, aí eu também não insisti entendeu, que eu não acho que eu tenho o direito falar assim você vai pronto e acabou. Para chegar dançar, a criança vai dançar chorando ou vai ficar com aquela cara de vergonha lá em cima, aí eu falei se você não quer tudo bem, então a gente não vai. Pra você chegar lá e também, às vezes fica lá forçada, eu acho que a gente tem que ouvir um pouquinho mais entendeu, eles. Tipo lógico tudo tem que ter regra, tem que ter limite, a gente tem que ter rotina pra tudo. Se a gente não tem, eles também não vão ter. Só que eu acho isso muito importante, eu vejo muito vídeo, eu sigo muita página sabe, de uma moça que ela, ela ensina muito... ela é psicóloga. Ela fala sobre essa questão de educação respeitosa sabe, a psicóloga do meu menininho que atende ele, nossa... ela é muito boa também, eu amo ela de paixão e a gente, a gente conversa muito, ela fala... no começo eu ficava muito, me questionava, ah ele vai chorar, nossa, sabe, aí todo mundo vai ficar olhando e tal... porque ele tem uma dificuldade, assim ele gosta muito de rotina, ele tem uma questão muito tipo, ele não gostar, se ele gosta daquilo é aquilo, entendeu. Ele tem uma dificuldade, então.. eu falava, ah, tá certo, se ele quer chorar, deixa ele chorar, pra que que eu vou ficar... Aí ela, ela falou assim, tá tudo bem, quem quiser olhar, olha, quem não quiser....Aí foi onde eu comecei a entender, eu falei verdade, porque a gente... eu até brigo, a gente, eu e meu marido, a gente é meio assim...não, é verdade... não briga, a gente não bate, meu marido nunca deu um tapa neles, nunca, nunca, sabe, esse negócio de bater, igual fala, porque que bater em criança pode, se um homem te bate, se a gente bate em alguém é agressão, numa criança não é, entendeu...então tudo tem que ter limite assim. Porque se a gente quer que eles cresçam com uma cabecinha legal, cresçam um adulto que se respeite o próximo, que tenha essa questão da inclusão, que tenha compaixão, que tenha amor... a gente tem que começar a fazer isso aqui atrás, entendeu. Eu não posso criar uma criança,

espancando e batendo, pondo regra é assim pronto e acabou e depois querer que essa criança floresça amor, que ela não vai florescer entendeu. Eu comecei a entender um pouquinho isso. Eu falei, nossa... verdade né. Tipo se eu erro, eu peço desculpa pra eles. Ele tem 4 anos e ela tem 5, eu não ligo, eu falo, você desculpa a mamãe? a mamãe errou, tal, tal, tal, pronto. A gente tem muito isso. Então eu acho isso muito importante. Acho que talvez também seria uma questão muito importantes deles pregarem na escola, porque a gente ver muita escola ainda....muito... dependendo assim, do professor e educador, eles ainda não trabalham dessa forma, bem, tipo assim, rígida assim né. Então eu acho que é importante, eu acho que seria trabalhar nessa parte do amor... da educação respeitosa, tanto os pais quanto os professores, educadores, seja lá quem for entendeu. Que eu acho que torna o ambiente melhor, eu acho. Seria isso.

9. Quais são as suas expectativas sobre o que é ensinado à sua criança?

Aqui na escola... sobre o que a escola ensina eles... bom... a Helena eu tenho a expectativa que ela saia daqui, tipo, uma menina bem... acima de tudo que aprenda, que ela vem aqui para aprender e que ela saia daqui tipo, uma menina que entenda que a gente tem que respeitar o amiguinho, que a gente não vive sozinho, que a gente vive num mundo coletivo, que ninguém é igual a ninguém, que também isso faça parte da escola ensinar eles... e do Henrico também, assim, como ele é uma criança diferente, vamos dizer assim né, perante a sociedade, que ele saia daqui entendendo, que assim, que ele também diferente pode ser igual os outros, e que na escola também é passado isso, porque é igual a psicóloga dele fala, a escola e os pais trabalham lado a lado sabe, porque assim eles ficam meio período aqui, querendo ou não, é um período grande então, a gente tem que falar sempre a mesma língua, então, a minha expectativa é que eles saiam daqui entendendo, acima de tudo, além de aprender, além... por mais que sejam pequenininhos, eles tem né, que aprender alguma coisa, eles estão aqui para isso, mas aprender que ninguém é igual a ninguém, que eu posso ser diferente, que o outro pode ser diferente e que tá tudo bem e que a gente tem que se respeitar e que isso também tem que ser trabalhado aqui na escola né, tipo a diferença e quando eu falo a diferença, não falo só diferença tipo de intelectual, de ter alguma síndrome, qualquer coisa que seja, diferença assim, cada um também aprende no seu ritmo, tem criança que aprende mais rápido, tem criança que não aprende, tem criança que vai ler mais rápido, tem criança que não, então tá

tudo bem. A gente tem que entender e ajudar o amiguinho sabe, eu... bom, acho que é isso. Eu espero isso deles quando sair daqui.

10. O que você entende que não pode faltar para o desenvolvimento saudável de uma criança?

Eu acho que primeiro um ambiente em que ela vive tem que ser saudável, a casa, a escola, ela tem que estar no ambiente saudável também e brincadeira, ela tem que ser livre, a criança tem que brincar, a gente tem que por regra, mas a gente tem que entender também que 4, 5 anos ainda são muito bebês ainda, e que eles tem que brincar. Tipo assim, tem que ter a obrigação de ir para escola, de fazer o que tem que fazer, tem, mas criança tem que brincar, tem que se sujar, tem que conviver num ambiente que seja saudável, tem que ter o respeito da mãe e do pai, dos familiares, tem que ser uma criança que seja respeitada, que não seja tratada como um soldadinho sabe, para ela crescer uma criança feliz aí sim eu acho que dá certo.

11. A seu ver, qual é o papel da família no desenvolvimento da criança?

Acho que tudo...tudo. E quando eu penso assim em família, eu por exemplo, eu não penso só em família de pai e mãe, eu penso.. eu quando, eu penso família, penso na minha família, tudo, pai, minha mãe sabe, minha sogra e eu cobro muito minha mãe sabe, e minha sogra sabe, eu sou bem chata nisso, tipo, família eu acho que é um todo, eu acho que eu falo todo mundo é importante em torno deles, nós todos temos que falar a mesma língua, então assim, é pai, é a mãe, é avó, é tio...todo mundo que convive com a criança é importante na convivência, no crescimento dessa criança, então todos tem que saber respeitar, todos tem que saber a gente tem que saber dar amor, carinho, a gente tem que saber entender a criança, a gente tem que saber ouvir a criança, entender quando ela tá no momento que ela não quer alguma coisa, no momento de birra. Então eu acho que é importante tudo isso sabe, tudo... a gente tem que criar memórias sabe, pai, mãe, vó, vô, de fazer um chamego, de fazer um leitinho, todo mundo tem que trabalhar em conjunto, quando eu penso família penso assim, poxa quem convive com eles, aí eu penso todo mundo e eu cobro sabe, minha mãe sabe, cobro a minha sogra, eu falo, gente é assim, assim, assim sabe, não vamos fazer errado. Que a gente foi criado num mundo diferente, hoje em dia a gente tá num outro, em outro mundo. Que eu acho que assim, eu não sei você, mas a gente... eu já cheguei a ouvir muito tipo, ah...é birra sabe, a criança não pode chorar

que é birra sabe, ah é mal criada, sem educação e não é, na maioria das vezes não é, você entendeu. É só uma criança, sendo criança, então eu coloco muito na cabeça deles isso sabe, tipo assim da minha mãe, da minha sogra, eles, eles, eles é bem respeitoso, bem carinhoso tudo só que eu coloco assim às vezes, não é uma falta de educação, às vezes é uma criança sendo criança, tá tudo bem, que a gente tem que respeitar, aí eu acho importante que todos que convivem que tá no círculo familiar, seja ele pai, e mãe, às vezes tem muita criança que não é criado pelo pai e pela mãe, é criado pela tia, pela Vovó, pelo vovô, mas faz aquele papel ali de pai e mãe. Acho que é importante todos que convivem ter essa questão de respeito, amor, muito amor, carinho e entender a criança e não julgar igual existia muito, tipo olhares né julgamento em cima, tá certo, tem criança, ah, birra, isso, mas não é, deixa ser criança, eu acho assim.

12. O que você entende que são bons estímulos para uma criança?

Eu acho que primeiro o exemplo né, que a gente dentro da nossa casa que a gente dar a eles, querendo ou não a gente vai estimular eles a lá fora ser uma pessoa melhor, com o que eles veem dentro de casa, com o que eles escutam e amor. Eu acho que tipo, a gente tem que dar... por exemplo, os meus mesmo meninos não aceitam ficar com ninguém, é só eu, 24 horas por dia, pra mim vir aqui, foi uma luta, assim é amor, é beijinho, eu falo que amo toda hora, dou beijo, faço carinho, sabe. É isso que às vezes a gente não tinha, então acho que é muito importante.

13. Como é a relação com a professora da criança? Em quais momentos vocês conversam?

Oh, graças a Deus, a tia Jane já foi professora do meu menininho no ano passado, ela é, nossa, muito boazinha mesmo, ela, foi a primeira professora que pegou ele depois que ele voltou da pandemia e com o diagnóstico, ela foi bem...tipo carinhosa assim sabe, bem...bem receptiva. E aí depois tem a tia Natália, que era da minha menininha no ano passado e hoje é do menininho também. Então a gente tem essa comunicação assim, sempre quando eu preciso, que eu tenho até ela no WhatsApp, a gente conversa bastante, e...mas a gente tem bastante troca, eu sempre pergunto muito sabe, quando eu chego assim, eu sempre pergunto e aí, como tá? Tá ficando tudo bem e tal, tal. Mas igual eu te falei, às vezes é porque eu pergunto entendeu, não sei em relação aos outros pais, por isso, às vezes eu acho importante,

é uma reunião que englobe mais perto os pais entendeu, uma questão de tipo, porque não existe só ele aqui de criança inclusão, existe outras crianças de inclusão aqui, então eu acho que tentar trazer esses pais mais pra perto, pelo menos esses, eu acho que seria importante entendeu.

14. Como é sua relação com a diretora da escola? Em quais momentos vocês conversam?

Oh, quando ele entrou na escola, que era lá e era ela também, nossa, eu enchi bastante o saco dela eu acho, mas agora... eu falei não, deixa... se não a mulher não consegue trabalhar, mas eu era bem assim sabe, se eu ouvia alguma coisa eu falava, tipo... porque tem um... uma questão um dia que aconteceu um negócio meio chato assim sabe, de uma professora, nem sei se ela tá aqui ainda, de fazer uma... uma pergunta não, ela falou uma coisa meio chata assim, em relação a ele sabe, pra mim, eu não gostei, e no dia, em vez de falar na hora pra professora, que não era professora dele na verdade, a professora dele tinha ido embora e ela veio para ficar com ele até a hora de ir embora, ficar com as crianças. E eu fiquei meio tipo, sem reação, foi um dos primeiros fatos que aconteceu assim comigo em relação a tudo, a ele. E eu entrei no carro e fui chorando do carro até minha casa, aí eu falei, meu Deus porque que eu não falei nada sabe, e fiquei quieta, fiquei com isso. Aí cheguei em casa, conversei com meu marido, ele não, você devia ter falado, isso, aí eu fiquei, não, eu devia ter falado, né tipo alguma coisa assim, pra defender ele, mas não falei nada, fiquei quieta. aí no outro dia eu vim e conversei com a Mariana (diretora), chamei ela, conversei com ela. Ela sabe, foi bem receptiva. Eu falei ó, aconteceu isso e isso. Eu falei, ó, eu trabalhei 8 anos Magazine Luiza, eu trabalhava com gente lá, com pessoas, e a empresa é uma empresa maravilhosa que sempre prezou as pessoas, a gente trabalha com adulto, a gente lidar com adulto, a gente tem que respeitar o adulto, porque não uma criança? Entendeu? a partir do momento que você tá trabalhando com uma criança, aí sim, que você tem que respeitar mais ainda. Porque um adulto a gente respeita, a gente sabe o limite dele, porque com uma criança não? Aí eu... sabe, ela... ela falou não... ela sempre foi bem aberta assim, em ouvir. Mas quando eu tive problemas mesmo, no começo assim, de alguma coisa ou outra que eu achei, eu sempre ia até ela, sabe, perguntava e ela sempre também... quando ele começou também no primeiro dia, que ele começou lá, ele ainda não tinha cuidadora ainda, aí ela perguntou se eu tinha... eu tinha acabado de pegar o laudo, na época. Aí no outro

dia ela já conseguiu uma cuidadora pela prefeitura pra ficar com ele. Até no começo, eu meio que me negava. Não que me negava, eu achava, será que ele precisa, eu queria saber como que ele vai ser para acompanhar os outros. Mas aí depois eu vi como era importante e ela já tinha até conseguido já, a cuidadora pra ficar com ele. Então em relação a ela assim, eu vejo que ela é bem.

15.O que você acha das reuniões e eventos propostos pela escola? Como elas poderiam ser mais interessantes/úteis?

Hum.. difícil hein. Porque assim, cada família é uma família né. Eu acho que...bom eu acho as reuniões muito boa, são reuniões bem...só que eu entendendo que às vezes tem muitos pais que não sei por qual motivo não tá perto da escola, então, não sei se poderia fazer às vezes a reunião...a escola poderia tentar uma forma de fazer reuniões às vezes individualizadas entendeu, para tentar entender às vezes esses pais que às vezes não estão tão presentes, às vezes em eventos, não consegue ser aquele pai participativo na escola, tipo, de tentar...ó porque...porque eles tem uma listagem de pai que vem e de pai que não frequenta, e a gente sabe que tem alguns que não vem mesmo. E eu até estava conversando com a Mariana uma vez e ela falou assim, às vezes você pode por tanto a tanto à tarde ou tanto de manhã, que às vezes tem pai que trabalha mas às vezes ele não vem. Tentar chamar esses pais para reuniões mais individualizadas, tentar convidar eles a vim na escola ajudar em alguma coisa entendeu, pra ver se consegue trazer, porque assim, o pai também não vai chegar aqui e bater na porta e falar, oi, posso ajudar? não vai existir isso, entendeu. Não tipo da maioria, então... tem uns que não, são entram, tipo eu, se deixar eu tô la dentro, mas eu acho que eles tinham que tentar trazer mais dessa forma. Opa, se esse pai não está vindo na reunião, se ele ou veio uma vez ou outra, é o pai que às vezes não dá uma opinião, fica mais na dele e tudo, vamos tentar trazer esse pai pra cá, vamos convidar ele para vir aqui um dia, ó fulano, você pode vir aqui? não, tô ligando pra te convidar, vem aqui para fazer isso sabe, tentar trazer e ver que a escola também quer trazer ele para perto, aí quem sabe assim ele vai se socializando melhor em relação à escola e consegue às vezes ficar mais perto entendeu. Que aí também tem aquela questão, tipo, vamos chamar para uma reunião individualizada, entender como é esse pai, porque que ele não pode vir, porque que ele não tá vindo, o que que tá acontecendo, às vezes não vem mesmo porque, ah, meu filho não dá trabalho, não...entendeu, fica aquela coisa assim, eu trago e busco, eu trago e busco entendeu.

Mas entender, eu acho que às vezes é questão de tentar buscar uma outra alternativa, se ele não tá vindo nas reuniões, não está vindo nos eventos, o porquê? vamos tentar chamar ele individualizado? Vamos tentar de outra forma?

16.As reuniões propostas pela escola contribuem para uma aproximação com as famílias? O que a escola poderia fazer para trazer as famílias para mais perto?

Eu acho que não muito. Não. Eu acho que poderia..mas também é bem complicado porque assim, às vezes são situações...por exemplo, ela é diretora, ela precisa passar algumas, alguns pontos importantes para o andamento da escola no começo do ano, uma suposição...vamos ter uma reunião, ela tem que chamar todos os pais, elas tem que falar, ela tem que falar quais são as regras e as normas da escola, então é difícil, o que ela pode fazer, que eu acho que seria né, importante, tentar fazer um outro tipo de reunião. Uma reunião assim, por exemplo, vai ter uma reunião dia tal, mas a gente quer uma reunião para os pais darem opiniões. Só que eu entendo também que se abrir, aos pais, têm muitos pais também que reclamam demais entendeu, de barriga cheia, então aí você da abertura a um problema entendeu. Então acho que fica meio complicado porque ó, ano passado tinha um grupo, a gente tinha um grupo de WhatsApp da escola, da salinha, e tinha é...pai e mãe reclamando que a criança chegava em casa reclamando que estava com fome, que eles falaram que só...aí, as crianças estão passando fome, que as crianças só bebe leite, aí...não, não bebe leite aí na escola, sabe. Gente a criança tá aqui, a gente vê, eu vejo, come melhor do que na minha casa, por exemplo, a gente tá cansada, vai lá e faz um miojo, quem nunca deu um miojo pra criança entendeu, e aqui não, eles tem alimentação certinha, e pai e mãe reclamando sem saber, sem entender, fazendo um escarcéu no grupo, uma muvuca. Então aí fica aquela questão, às vezes até eles pensam em fazer essa reunião e chamar os pais para os pais da opinião, só que o problema é que aí vira entendeu. Daí pega aquela meia dúzia de pai que só reclama, aí pronto cê entendeu, que não faz nada, não cuida do filho também, mas só reclama. Aí a Mariana foi explicar, que não, que a listagem de alimentação ficava exposta, que a prefeitura expõe, quem quiser ver, que o pai que quisesse vir aqui no dia, que poderia vir para ver qual alimentação da criança, que ele já são grandinhos, que não é toda hora que toma leite, que eles tomam leite de manhã, que eles tem as horas das refeições do leite, do pão, do café e que teve época sim, de...que na época eu não

tinha filho, que diz que as crianças comiam salsicha, ovo, que era o que prefeitura mandava, que hoje a prefeitura preza muito pela alimentação da criança tudo, que...que tá ficando diferente, tá mudado, que eles têm alimentação feita pela nutricionista tudo, que o pai poderia vir aqui se quisesse ver. Mas mesmo assim, você vê que é pai que não tem sabe, tipo, falta ser tantã, não é possível. Então eu acho que fica...eles ficam...acho que com um pé atrás. Eu, por exemplo, se fosse diretora, eu também ficaria assim, você acha que é importante chamar todos os pais também para eles exporem a opinião e virar um escarcéu entendeu. Ou importa a gente deixar do jeito que tá, a gente faz as nossas reuniões que tem que fazer, passa como que é as regras, o andamento da escola, e se o pai tiver alguma dúvida naquele momento, ele vai tirar a opinião dele, vai questionar né. Porque eu acho que o pai também que quer tá presente, ele tá aqui, assim, de alguma forma, se ele tiver alguma dúvida, ele vai chegar na diretora e vai questionar. Mas seria importante sim, mas para isso acontecer, eu acho que os pais têm que estar muito com a cabeça trabalhada, cê entendeu. Então... por isso tem aquela questão, é... e os pais e a mãe como é, entendeu, para a gente poder um dia e chegar e ter uma escola assim. Que tipo hoje, por exemplo, a gente vai fazer uma reunião hoje,é... vamos fazer uma reunião e entende o que os pais precisam, o que que vocês querem de melhoria? Como que você achou que foi esse semestre? Cê achou que seu filho aprendeu, desenvolveu, como foi? entendeu...pra a gente conseguir um dia chegar numa escola assim. Que eu acho que hoje ainda, eu acho que é muito difícil. Chegar numa escola dessa forma entendeu, que eu acho que os pais ainda... não sei em questão de escola particular, se muda o nível entendeu, então... não sei se é só prefeitura que é assim, que tem isso, eu não sei como é. Que ele nunca estudou em escola particular também. Mas eu falo pela prefeitura, que a gente sabe que existe criança aqui de todas as classes sociais. Então eu não sei como fica entendeu. **Tem algum evento além das reuniões com as famílias, que você participa?** Ó, esse ano ainda não teve. Teve o dia das mães que eles fizeram e diz que ia ter o evento, iam fazer o evento da família, estava programado, porque diz que hoje em dia, tem criança que não é criado pela mãe,né. Tem criança que a mãe é o papai ou a vovó, a titia. Então elas já não queria já, porque às vezes a criança não tem a mamãe para trazer, aí eles iam fazer a festa da família. Que aí poderia vir a vovó que cuida e tudo. Só que aí parece que teve umas mães que ah, eu queria ver a apresentação, aí elas fizeram a festinha, teve a festa junina também. Então são esses eventos que teve assim, que eu participei, foi esses, que

teve. **Você acha que seria legal ter outros eventos para aproximação das famílias na escola?** Eu acho. Ou algum tipo de... vamos dizer assim, não sei se evento seria a palavra certa, ou algum tipo de atividade que fosse individualizadas das salas, porque consegue trazer os pais daquelas crianças mais perto, entendeu. Porque às vezes você chama todos os pais, são 300 pais, por exemplo, acaba que não...o diretor, as professoras não conseguem ter essa proximidade que eles querem. E às vezes criando alguma coisa individualizada das salinhas, acho que seria importante, entendeu. A cada 3 meses, não sei, cada 6 meses, a professora organizar alguma coisa com os pais dos seus alunos, entendeu. A professora também trazer esses pais pra cá, pra fazer uma reunião na salinha, entendeu. Um dia de... uma gincana. Hoje a gente vai fazer uma gincana só com as recreações, por exemplo, ai vão vir os pais sabe, ter aquela coisa. Aí na semana que vem vamos tentar fazer uma gincana com o pré. Pra tentar trazer, tipo, individualizado. Aí eu acho que conseguiria ter essa proximidade, diferente de, por exemplo, fazer o dia das mães, a festa junina, um monte de pai, aquele um monte de professora, com certeza não consegue ter essa proximidade entendeu. Fica aquela coisa, eu tô aqui, você tá aí, oi. Não consegue, então eu acho que pra ter essa proximidade, eu acho que seria importante, seria legal. Eu acho, é uma ideia.

17. Há espaço na sua rotina para autocuidado/desenvolvimento pessoal?

Hum... meu auto cuidado tá difícil, mas de desenvolvimento eu tô.... tipo, hoje...hoje não, depois de um tempo assim, que eu entendi, que eu tô conseguindo agora me adaptar um pouco mais minha rotina, porque assim eu fico sozinha, eu sou sozinha com eles, então tipo assim, eu não tenho ninguém para ficar com eles, então é eu e eles sabe, então eu tenho que me programar o jeito que dá. Hoje, graças a Deus meu marido estava em casa e ele ficou com eles pra mim, mas eu tô tentando assim, em relação a... que nem, eu queria muito fazer faculdade, sabe, estudar alguma coisa específica na área dele e eu não tava conseguindo achar tempo, aí foi onde eu falei, não, preciso voltar a fazer alguma coisa também. E aí foi onde eu comecei... eu tô voltando a fazer pedagogia sabe, eu quero fazer... eu sempre vejo muito curso online de alfabetização de criança que não tem comunicação, que não fala, que não verbar, sabe, de tentar...tipo buscar conhecimento também, mesmo não...mas para mim conseguir ajudar ele e ela também, mas autocuidado meu? Ixi, eu não tenho faz tempo.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – FAMÍLIA

Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade de São Paulo

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte da pesquisa, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Abaixo, há mais informações sobre o projeto.

Título da Pesquisa: “Avaliação do Programa de Aprimoramento Sistêmico”

Pesquisador Responsável Local: Daniel Domingues dos Santos

O presente projeto de pesquisa consiste em analisar se o Programa de Aprimoramento Sistêmico (PAS), contribui para seu objetivo que é a melhoria da qualidade da educação infantil. Frente à relevância da temática e do impacto que a primeira infância tem na vida dos indivíduos, o programa propõe um aprimoramento sistêmico que envolve a pactuação com a rede, avaliação dos ambientes de aprendizagem, formação de formadores e diretores e monitoramento, todas essas ações pautadas em um currículo que contemple os padrões de qualidade da rede. O projeto está sob responsabilidade do Prof. Daniel Domingues dos Santos do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social da Universidade de São Paulo.

Portanto, vale ressaltar:

1 - Você está sendo convidado(a) a participar da presente pesquisa que tem como objetivo analisar as contribuições do Programa de Aprimoramento Sistêmico na educação infantil;

2 - Ao participar do estudo, sua contribuição neste projeto consistirá em participar de uma entrevista semiestruturada, no qual serão abordadas questões sobre família e escola, com duração de aproximadamente 1h presencialmente em data e horário previamente definidos.

3 - Levando em conta o cenário pandêmico que ainda presenciamos, a entrevista será realizada com utilização de máscara e respeitando o distanciamento necessário, como medida de segurança contra Covid-19.

4 - Não haverá nenhum tipo de despesa a ser paga por você para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. No entanto, em caso de necessidade de gastos advindos de sua participação, estes serão ressarcidos pela equipe de pesquisa;

5 - A participação nesta entrevista não apresenta riscos à sua saúde física. É possível que, em alguns temas, você sinta algum desconforto em responder às perguntas oralmente. Você tem direito a indenização se houver danos causados pela pesquisa;

6 - Você é livre para interromper a qualquer momento a sua participação na pesquisa, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;

7 - O estudo tem como benefício científico a produção de conhecimento para a formulação de políticas públicas embasadas em pesquisa e que possam propiciar o desenvolvimento de

estratégias e práticas que beneficiem a educação infantil;

8- A resposta a este(s) instrumento(s)/procedimento(s) não apresenta riscos conhecidos à saúde física. É possível que, em algumas atividades, ocorra algum desconforto em responder às perguntas oralmente. Caso sintá-se desconfortável, fique à vontade para comunicar a equipe de pesquisa a respeito disso e interromper sua participação em qualquer momento.

9 - Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;

10 - O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (USP), está disponível somente para eventuais dúvidas sobre questões éticas do projeto, no endereço Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 - Prédio da Administração - Sala 07 - 140140-901 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil; e/ou pelo telefone: (16)3315-4811 - atendimento de 2º a 6º das 13h30 às 17h30 e/ou email: coetp@listas.ffclrp.usp.br;

11 - Você pode entrar em contato com o pesquisador responsável pelo estudo, sempre que julgar necessário, pelo e-mail: ddsantos@fearp.usp.br; ou pelo telefone: (16) 3315-4975;

12 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em seu poder e outra com o pesquisador responsável.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Assinatura do(a) participante



Daniel Domingues dos Santos

Local: _____ Data: / /

ANEXO B – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

OF.084/CEP/FFCLRP/USP/26.07.2022

Prezado Pesquisador,

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado "Avaliação do Programa de Aprimoramento Sistemico" foi analisado *ad referendum* do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE nº 56535022.0.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas. De acordo com a Resolução nº466 de 12.12.2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final, sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Sylvia Domingos Barrera
Coordenadora

Ilmo. Sr.
Daniel Domingues dos Santos
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Av. Bandeirantes, 3900 - Bloco 01 da Administração - Sala 07.
14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil. Fone: (16) 3315-4811.
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br>, E-mail: coeto@listas.ffclrp.usp.br.